

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontinuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontinuos@dirbi.ufu.br).

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA**

**HISTÓRIA E MEMÓRIA SOCIAL:  
DEPOIMENTOS DE PRESOS POLÍTICOS  
PRESÍDIO TIRADENTES (1969-1973)**

**FERNANDA PRINCE ANTUNES**

**FERNANDA PRINCE ANTUNES**

**HISTÓRIA E MEMÓRIA SOCIAL:  
DEPOIMENTOS DE PRESOS POLÍTICOS  
PRESÍDIO TIRADENTES (1969-1973)**

**Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kátia Rodrigues Paranhos.**

**UBERLÂNDIA, 2008**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Antunes, Fernanda Prince, (1980)

História e Memória Social: depoimentos de presos políticos – Presídio Tiradentes (1969-1973)

Fernanda Prince Antunes – Uberlândia, 2008

75 fl.

**Orientadora: Kátia Rodrigues Paranhos**

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Referências Bibliográficas

memória, memória social, ditadura militar, Presídio Tiradentes, presos políticos

**FERNANDA PRINCE ANTUNES**

**HISTÓRIA E MEMÓRIA SOCIAL:  
DEPOIMENTOS DE PRESOS POLÍTICOS  
PRESÍDIO TIRADENTES (1969-1973)**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Kátia Rodrigues Paranhos – Orientadora

---

Ms. Fabiana de Paula Guerra

---

Ms. Vilma Campos dos Santos Leite

## AGRADECIMENTOS

Mais um ciclo se encerra. Em todos esses anos acadêmicos, estive em contato com pessoas muito especiais. Portanto, gostaria de fazer alguns agradecimentos.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kátia Rodrigues Paranhos, por toda sua competência e dedicação com que me orientou, pela paciência, compreensão e apoio nos momentos difíceis e pela credibilidade em mim depositada.

À Ms. Fabiana de Paula Guerra e à Ms. Vilma Campos dos Santos Leite, por aceitarem compor a banca.

À Universidade Federal de Uberlândia, pela estrutura e biblioteca adequadas, pelo quadro de professores e funcionários de alto nível e pela atenção aos alunos.

À todos os professores, tanto da UFU quanto da UFOP, por promoverem a construção do saber histórico e por contribuírem para minha formação acadêmica.

À todos os colegas de faculdade e amigos, pela oportunidade de convívio, cujas amizades carregarei para sempre comigo.

À minha família, sempre presente em minha vida, mesmo à distância, pelo apoio, carinho e amor. À minha mãe e ao meu pai, pelo incentivo e colaboração. À minha irmã, por todo seu esforço e paciência ao resolver as pendências relativas à faculdade enquanto estive fora.

Ao Adam, pelo amor e pela paciência ao esperar pela conclusão desta etapa de minha vida.

E àqueles que talvez nunca saberão que suas "vozes" foram ouvidas, por deixarem seus depoimentos sobre a difícil realidade que enfrentaram.

"Na realidade, todo leitor é, quando lê, leitor de si mesmo. A obra não passa de uma espécie de instrumento óptico oferecido ao leitor a fim de lhe ser possível discernir o que, sem ela, não teria certamente visto em si mesmo."

Marcel Proust, *in*. "*O tempo redescoberto*"

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	05
<b>CAPÍTULO I – Sobre a memória social</b> .....	25
1.1 Memória coletiva, memória individual e identidade.....	26
1.2 Memória, memória histórica e história .....	30
1.3 Memória e esquecimento; manipulação e poder.....	33
1.4 Memória, tempo e espaço.....	37
1.5 Memória e memória escrita .....	38
<b>CAPÍTULO II – Os depoimentos e a memória social</b> .....	41
2.1 Memória coletiva, memória individual e identidade.....	41
2.2 Memória, memória histórica e história .....	49
2.3 Memória e esquecimento; manipulação e poder.....	52
2.4 Memória, tempo e espaço.....	58
2.5 Memória e memória escrita .....	67
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	70
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	74



## RESUMO

A ditadura militar brasileira do século XX é alvo de nosso trabalho e a investigamos sob a ótica dos depoimentos de ex-presos políticos contidos no livro **Tiradentes, um presídio da ditadura**, com a intenção de dar voz a esses atores sociais que sofreram por se oporem a um regime de terror e repressão. Como os testemunhos são memórias, discutimos os conceitos que nos são importantes; partimos da perspectiva social da memória pelo fato de os grupos aos quais pertencemos serem de extrema importância para a evocação de qualquer lembrança. E também estamos interessados em outros conceitos relacionados à memória e, conseqüentemente, ao esquecimento, como a identidade e a manipulação, mas também sobre sua apropriação pela história e sua transformação ao ser passada da forma oral para a escrita. Demonstramos que nos depoimentos todas essas concepções podem ser observadas e apontamos para a importância e a necessidade da nação manter viva a história daquele período de atrocidades e de desrespeitos aos direitos humanos.

## INTRODUÇÃO

O golpe de 1964 foi um fato marcante na história brasileira e deu início à ditadura militar, que durou 21 anos. Neste período, o país foi governado por militares dispostos a manter a "ordem" sob o regime autoritário. Hoje, 27 anos depois, o Brasil é uma democracia, apesar de todos os problemas sociais. Em 2004, completaram-se os quarenta anos do golpe e por isso foi um ano de lembranças; alguns segmentos da sociedade (estudiosos de história, filosofia, sociologia, jornalistas) se dedicaram a lembrar, estudar e discutir tanto o governo militar quanto os movimentos de esquerda; os jornais desse ano traziam reportagens sobre esse momento, opiniões sobre o assunto e entrevistas com pessoas que viveram durante esse período.

Sempre que se conversa sobre as épocas mais difíceis do passado, uma pergunta fica: por que lembrar desses momentos tão ruins? Não seria melhor esquecer? Existe um certo alívio no esquecimento. Em outras palavras,

*até que ponto o exercício da memória não passa de autoflagelação? Não seria melhor e mais saudável cultivar a paz das consciências? E olhar para frente, deixando o passado sossegado, e as feridas cicatrizando? Entretanto, há alguns nós que precisam ser desatados, ou, ao menos, compreendidos. E isso não diz respeito apenas ao passado, mas ao presente e, sobretudo, ao futuro<sup>1</sup>.*

É preciso tomar conhecimento desse tempo que passou. O passado é um dado que não mais se modifica, segundo BLOCH<sup>2</sup>, mas o conhecimento histórico é um processo em constante transformação e aperfeiçoamento. Concordamos com LE GOFF<sup>3</sup>, que compreende que o que sobrevive do passado é uma escolha efetuada pelos que passam por ele, ou por quem o estuda, como os historiadores e, que, portanto, o

---

<sup>1</sup> REIS, D. A. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: J. Jahar Ed., 2000, p. 72.

<sup>2</sup> BLOCH, M. L. B. **Apologia da história: ou o ofício de historiador**. Prefácio de Jacques Le Goff. Apresentação à edição brasileira: Lilia Moritz Schwarcz. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: J. Jahar Ed., 2001, p. 75.

<sup>3</sup> LE GOFF, J. Prefácio. *In*: BLOCH, M. L. B. **Apologia da história: ou o ofício de historiador**. Apresentação à edição brasileira: Lilia Moritz Schwarcz. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: J. Jahar Ed., 2001, p. 24.

objeto de estudo da história não é o passado, mas o que se buscou ou escolheu estudar. "A própria noção segundo a qual o passado enquanto tal possa ser objeto de ciência é absurda'. Seu objeto é o 'homem', ou melhor, 'os homens', e mais precisamente 'homens no tempo.'"<sup>4</sup>

Nesse sentido, podemos chamar de objeto de estudo ou fato histórico aquilo que se escolheu para estudar. O fato histórico é um produto da sociedade fabricado segundo as relações de força que detinham o poder; é também um produto de uma construção ativa do historiador, que escolhe a fonte, a transforma em documento e, então, faz sua problematização, questiona o documento.<sup>5</sup> MARSON<sup>6</sup> relata que o documento, diferente ou igual a outro objeto, contém múltiplas formas de utilidade, múltiplas significações e possibilidades de investigação. "É a questão formulada ou o problema que ilumina o olhar do historiador, que transforma os vestígios do passado em fonte ou documento, mas é preciso fazê-los falar. Caso contrário, eles revelam somente a existência de um outro tempo, de um antigo."<sup>7</sup> É o historiador, que escolhe o documento,

*extraindo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da sua própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação inicial que é ainda menos "neutra" do que a sua intervenção. O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas [...]. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si própria. No limite, não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo<sup>8</sup>.*

---

<sup>4</sup> LE GOFF, 2001, p. 24.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 19.

<sup>6</sup> MARSON, A. Reflexões sobre o procedimento histórico. In: SILVA, Marcos A. da. (org.). **Repensando a história**. Rio de Janeiro: Marco Zero/ANPUH-Núcleo de São Paulo: 1984, p. 54.

<sup>7</sup> PESAVENTO, S. J. Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar; Em busca de um método: as estratégias do fazer História. In: \_\_\_\_\_ **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 63.

<sup>8</sup> LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana F. Borges. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 537-538.

O documento, para FOUCAUL<sup>9</sup>, não é um objeto inerte, é preciso mais que interpretar ou determinar se diz a verdade, é necessário trabalhá-lo em seu interior e elaborá-lo. Acima de tudo, cabe ao historiador, que escolhe e tria, a análise crítica: a compreensão, e não o julgamento. Assim, "a história é, para uma sociedade, uma certa maneira de dar *status* e elaboração à massa documental de que ela não se separa."<sup>10</sup>

Precisamos considerar a questão das fontes de pesquisa que suplementam os documentos oficiais<sup>11</sup>. Tais documentos podem ser relatos orais, imagens, dados estatísticos, ou uma releitura dos registros oficiais; "a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele."<sup>12</sup>

Uma dessas fontes de pesquisa disponível ao historiador é o depoimento, que é de grande importância, como BOSI<sup>13</sup> analisa; o testemunho ou narrativa mostra a complexidade do acontecimento por não ser um documento unilinear. Nesse sentido, novamente aparece a relação passado-presente para o historiador: "o que se lembra são momentos vividos, respostas pessoais, em suma, a melodia do passado interpretada pelo presente."<sup>14</sup> Um fator importante a respeito do depoimento é sua dualidade, por termos que considerar e interpretar tanto o que é lembrado quanto o que é esquecido. Os esquecimentos e omissões são significativos por serem exemplos de como o fato se deu no cotidiano das pessoas.

*Grande mérito dos depoimentos é a revelação do desnível assustador de experiência vivida nos seres que compartilharam a mesma época; a do militante penetrado de consciência histórica e a dos que apenas buscaram*

---

<sup>9</sup> FOUCAUL, 2004, p. 7.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 8.

<sup>11</sup> BURKE, P. (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Ed. Unesp, 1992, p. 25.

<sup>12</sup> BLOCH, 2001, p. 79.

<sup>13</sup> BOSI, E. A substância social da memória. In: \_\_\_\_\_ **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 19.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 48.

*sobreviver. Podemos colher enorme quantidade de informações factuais mas o que importa é delas fazer emergir uma visão do mundo*<sup>15</sup>.

Os depoimentos serão estudados sob a perspectiva da memória e, para isso, deve-se distinguir qual o conceito levado em consideração. Em seus aspectos psicológicos, podemos citar os estudos de STERNBERG (2000), que trabalha com a corrente da psicologia cognitiva. Quanto aos aspectos fisiológicos, é preciso remeter aos estudos neurológicos que avançam rapidamente, entendendo o funcionamento dos neurônios, das sinapses, como se pode encontrar em IZQUIERDO (2004). Já em seu aspecto social, a contribuição de HALBWACHS (2004) foi bastante importante e, por isso, ele é sempre usado como referência. O autor de certa forma isolou o conceito memória de seus aspectos fisiológicos e psicológicos e descreveu extensamente sobre a influência dos grupos sociais no "lembrar"; esta será a perspectiva que abordaremos.

Uma forma de conhecer o passado é

*dar voz aos atores de um período histórico que ainda está por ser melhor estudado. Vozes que foram silenciadas na época e que continuaram sem poder se expressar com o passar dos anos, pois o silêncio causado pela proposital ignorância dos fatos, por vezes, é em mais violento que o silêncio imposto pelas armas*<sup>16</sup>.

Quando pesquisamos o passado através da memória é necessário que entendamos que as lembranças fazem parte do que HALBWACHS chama de memória social. Ele entende que as lembranças vêm com o convívio com o grupo, pela identificação e contato, e sua duração está nele. É preciso continuar em contato com esse grupo para recordar.<sup>17</sup>

*Halbwachs afirmou que as memórias são construídas por grupos sociais. São os indivíduos que lembram, no sentido literal, físico, mas são os grupos sociais que determinam o que é 'memorável', e também como será lembrado. Os indivíduos se identificam com os acontecimentos públicos de importância para*

---

<sup>15</sup> BOSI, 2003, p. 19.

<sup>16</sup> FREIRE, A.; ALMADA, I.; PONCE, J. A. de G. (Org.). **Tiradentes, um presídio da ditadura:** memórias de presos políticos. São Paulo: Scipione, 1997, p. 25.

<sup>17</sup> HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** Tradução: Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004, passim.

*seu grupo. 'Lembram' muito o que não viveram diretamente. (...) Daí, pode-se descrever memória como uma reconstrução do passado<sup>18</sup>.*

Mas por que os grupos deixam de lembrar? Até que ponto esse esquecimento não é proposital? E por que algumas culturas parecem mais preocupadas que outras em lembrar seu passado? Percebe-se que "as sociedades têm sempre dificuldades em exercitar a memória sobre as suas ditaduras, sobretudo a partir do momento em que assumem códigos de valores opostos aos princípios do estado de exceção."<sup>19</sup>

Entendemos, então, que há um exercício do esquecimento:

*no referente ao escanteio de memórias, à repressão ou esquecimento proposital, há muitos exemplos no Brasil e no exterior. Aqui hoje ninguém quer lembrar os porões de nenhuma ditadura nem das tendências totalitárias de ninguém, nem das roubalheiras descaradas de homens que hoje são estátuas; a vida nacional parece (mas não é) mais fácil esquecendo essas coisas, ou fazendo de conta que as esquecemos<sup>20</sup>.*

O que nos faz continuar em busca do passado através da memória é entendê-la como "um elemento essencial do que se costuma chamar [de] identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia."<sup>21</sup> Portanto, lembrar faz também parte da identidade.

Não é possível estudar a história de uma nação sem que se leve em conta suas memórias, ainda que sejam consideradas ruins. É difícil enfrentar esse passado sombrio.

*Pior ainda é ter que conviver com um passado desconhecido, porque estamos feitos precisamente de memórias; nada somos além daquilo que recordamos. Eu sou quem sou porque me lembro; você é quem é porque se lembra de seu passado; o Brasil é o Brasil porque se lembra de sua história remota e recente, bem ou mal<sup>22</sup>.*

A História se propõe a pesquisar o passado, mesmo que ele seja mal visto ou esteja caindo no esquecimento. Vários autores estudam essa questão. E parece que há

<sup>18</sup> BURKE, P. História como memória social. In: \_\_\_\_\_ **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 70.

<sup>19</sup> REIS, 2000, p. 72.

<sup>20</sup> IZQUIERDO, I. **A arte de esquecer: cérebro, memória e esquecimento**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004, p. 66-67.

<sup>21</sup> LE GOFF, 2003, p. 469.

<sup>22</sup> ISQUIERDO, 2004, p. 68.

um certo consenso de que estudá-lo de certa forma, nos torna mais capazes de tomar melhores decisões para o futuro.

Aquelas memórias consideradas mais difíceis de serem enfrentadas são as menos compartilhadas e, conseqüentemente, caem no esquecimento e essa parte do passado se torna mais facilmente controlada. Um povo sem passado é mais fácil de ser manipulado, pois a história é realmente uma disputa, como FERRO<sup>23</sup> comenta, quem controla o passado mais facilmente controla o presente. É necessário "vencer" aqueles que querem "enterrar" ou "silenciar" o passado, isto porque, "se há uma 'arte' especialmente maldita é esta, a de forçar, através da propaganda, o esquecimento de coisas importantes a povos inteiros, substituindo-as por mentiras. Intoxicados pelas mentiras, esses povos podem ser levados a cometer as piores barbaridades."<sup>24</sup>.

A ditadura militar às vezes nos parece tão distante, mas não há garantias de que o país se mantenha longe de um regime autoritário. Revisitar esse passado faz parte de um cuidado para que nós não deixemos que esses fatos ocorram novamente. REIS reflete a respeito disso no trecho, quando comenta que a ditadura

*instaurou-se sob o signo do Medo. Medo de que as desigualdades fossem questionadas por um processo de redistribuição de renda e de poder. Ora, através dos anos, mantiveram-se e se consolidaram essas desigualdades. Não terá sido essa a maior obra da ditadura? Entretanto, o questionamento dessa obra continua provocando Medo. E o pavor do caos. O caos ou o retorno a formas autoritárias. Uma reflexão mais acurada e sistemática sobre os tempos da ditadura talvez seja um antídoto para escapar desse maldito dilema. Pronto a ressuscitar tão logo apareçam novas ameaças à ordem<sup>25</sup>.*

Mas sabemos que o Brasil não foi o único país que esteve sob governo ditatorial entre 1960 e 1980. Outros países da América Latina estiveram sob duros regimes militares no mesmo período e tiveram várias características em comum, como por

---

<sup>23</sup> FERRO, M. **A História vigiada**. Tradução: Doris Sanchez Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 1.

<sup>24</sup> ISQUIERDO, *op. cit.* p. 71.

<sup>25</sup> REIS, 2000, p. 73.

exemplo: "dissolução das instituições representativas, falência ou crise aguda dos regimes e partidos políticos tradicionais, militarização da vida política e social em geral [...]. Um outro aspecto em comum é o crescente poderio, econômico, social e político, a partir das décadas de 1950-60, da instituição militar."<sup>26</sup>

*Em meados da década de 1960, três golpes militares de significativa importância [Bolívia e Brasil, 1964; Argentina, 1966] mudaram a história da América do Sul. Nos três foi visível a influência determinante da diplomacia norte-americana. A tensão internacional – Estados Unidos versus URSS, ou "comunismo versus mundo livre" – forneceria justamente o álibi ideológico para os golpes militares, que afirmaram com unanimidade ser a democracia "incapaz de conter o comunismo"<sup>27</sup>.*

O que existiu no Cone Sul, e também no Brasil, foi uma política de forte repressão aos opositores do regime. Esta política pode ser chamada de terrorismo de Estado, pela tortura, perseguição, prisão, assassinato, ocultação de cadáveres, além da colocação das forças armadas a serviço da repressão, censura à imprensa e quebra das garantias constitucionais, o que pode ser considerado uma "política terrorista."

Para o Brasil, a instauração do regime ditatorial na década de 60 foi decorrente do golpe militar que se deu em 31 de março de 1964. Este golpe,

*dado contra um governo legalmente eleito e constituído em 1960, é um ato de violência contra as instituições brasileiras. E violência armada. Empresários, militares e políticos de direita, apoiados pelos Estados Unidos, pelo capital internacional e pela Igreja, rompem a legalidade democrática. Fecham o Congresso Nacional, invadem e fecham sindicatos, escolas e entidades estudantis, empastelam jornais, prendem, torturam e matam. O golpe de estado é o início da violência política no Brasil dos anos 60<sup>28</sup>.*

Os militares assumiam finalmente o poder, pela primeira vez na história do país, instaurando o regime autoritário com a perspectiva de lá permanecer. O novo regime começou a mudar as instituições do país com decretos chamados de Atos Institucionais

<sup>26</sup> COGGIOLA, O. Os regimes militares sul-americanos na década de 1960; O novo espaço do poder militar nas décadas de 1970 e 1980. In: \_\_\_\_\_ **Governos militares na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2001, p. 11.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 11.

<sup>28</sup> FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p 28-29.



(AI)<sup>29</sup>. Com cinco Atos Institucionais, a política interna brasileira foi se "fechando": o governo militar estava disposto a manter a "ordem" sob um regime repressivo.

O período pós-golpe foi obscuro, principalmente entre 1968-1973, com forte censura e repressão. Experimentou-se terror e violentação dos Direitos Humanos, principalmente com a edição do AI-5, decretado por Costa e Silva, em 13 de dezembro de 1968. Com a suspensão dos direitos políticos públicos ou privados dos cidadãos, os poderes do presidente foram ampliados e foi permitida a repressão e perseguição aos opositores. Institucionalizou-se a ditadura militar. "Foi um golpe dentro do golpe."<sup>30</sup>

*A partir do AI-5, o núcleo militar do poder concentrou-se na chamada comunidade de informações, isto é, naquelas figuras que estavam no comando dos órgãos de vigilância e repressão. Abriu-se um novo ciclo de cassação de mandatos, perda de direitos políticos e expurgos no funcionalismo, abrangendo muitos professores universitários. Estabeleceu-se na prática a censura aos meios de comunicação; a tortura passou a fazer parte integrante dos métodos de governo<sup>31</sup>.*

Durante o regime militar e, principalmente, após o AI-5, o governo cometeu graves crimes: pessoas desapareceram, foram torturadas, encarceradas ou assassinadas.

*Quantos foram os presos políticos detidos pela polícia civil ou militar no período 1968/71? Nunca houve um recenseamento exato. Os advogados não tinham acesso aos autos e a imprensa não publicava nenhuma informação a respeito, a não ser as "notícias" fornecidas pela censura e que faziam parte integrante do próprio sistema repressivo<sup>32</sup>.*

A história dessa repressão, como LEAL<sup>33</sup> relata, registra o total desrespeito aos direitos e às garantias individuais dos cidadãos e total desprezo à constituição, período em que não se observava nenhuma lei ao "sequestrar" quem se opunha ao regime, prendendo sem mandato judicial. Como consequência desse desrespeito aos direitos dos

---

<sup>29</sup> FAUSTO, B. **História do Brasil**. 11. ed. São Paulo: Edusp, 2003, p. 480.

<sup>30</sup> REIS, 2000 p. 51.

<sup>31</sup> FAUSTO, *op. cit.* p. 480.

<sup>32</sup> CARVALHO, A. A. A lei, ora, a lei... In: FREIRE, A.; ALMADA, I.; PONCE, J. A. de G. (Org.). **Tiradentes, um presídio da ditadura**: memórias de presos políticos. São Paulo: Scipione, 1997, p. 404.

<sup>33</sup> LEAL, R. G. **Direitos humanos no Brasil**: desafios à democracia. Porto Alegre: Livraria do Advogado; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997, p. 124.

cidadãos, nos 21 anos de ditadura brasileira (1964-1985), o governo militar exila mais de doze mil pessoas e, na área política, cassa cerca de cinco mil.

*No âmbito do direito comum, os esquadrões da morte, que vigem a partir de 1968, eliminam um número até hoje desconhecido de pessoas, delinquentes ou não. A esse número somam-se as liquidações efetuadas pelo aparelhamento policial em nome da segurança e do restabelecimento da ordem<sup>34</sup>.*

Em contrapartida, nesse período de forte censura e repressão, em meio às torturas, sequestros e mortes, pelos meios de comunicação (totalmente censurados e controlados pelo governo) os militares afirmavam não existir no Brasil nem tortura e nem presos políticos. Houve uma total preocupação em manter uma aparência de legalidade sobretudo para com a opinião pública internacional. "A ênfase na legalidade e na legitimidade teve um significado preciso: o da criação de uma aparência de normalidade para a vida social e política que impedisse o reconhecimento do regime a partir da perspectiva da excepcionalidade e do arbítrio."<sup>35</sup>

A preocupação com a opinião pública internacional se justificava pela dependência econômica: "o regime buscava sua legitimação política com base nos êxitos econômicos, sustentados por maciços empréstimos internacionais"<sup>36</sup>. E por isso mesmo é que não surpreende quando se observa o "milagre econômico":

*não é por acaso que essa época – início dos anos 70 – em que mais se tortura, mais se persegue opositores, mais se sequestra, mais se assassina, é também a época do 'milagre brasileiro', quando se vende a imagem da 'ilha da tranquilidade', de 'progresso, de 'bem-estar', de 'euforia'. Este é um lugar extremamente atraente para o capital monopolista internacional, vencedor em nosso país com o golpe de 1964<sup>37</sup>.*

---

<sup>34</sup> *Ibid.*, p. 122.

<sup>35</sup> CARDOSO, I. O arbítrio transfigurado em lei e a tortura política. *In*: FREIRE, A.; ALMADA, I.; PONCE, J. A. de G. (Org.). **Tiradentes, um presídio da ditadura**: memórias de presos políticos. São Paulo: Scipione, 1997, p. 473.

<sup>36</sup> RIDENTI, M. O romantismo revolucionário nos anos 60. *In*: FREIRE, A.; ALMADA, I.; PONCE, J. A. de G. (Org.). **Tiradentes, um presídio da ditadura**: memórias de presos políticos. São Paulo: Scipione, 1997, p. 418.

<sup>37</sup> COIMBRA, C. M. B. Algumas práticas "psi" no Brasil "milagre." *In*: FREIRE, A.; ALMADA, I.; PONCE, J. A. de G. (Org.). **Tiradentes, um presídio da ditadura**: memórias de presos políticos. São Paulo: Scipione, 1997, p. 425.

Finalmente, sob esse estado de terror, é compreensível que existissem opositores ao regime. Mas e quanto aos outros setores da sociedade? "Houve, por parte da nação, um acovardamento que pode ser explicado das mais variadas maneiras e de diversos pontos de vista, como o medo, mas a verdade é que houve silêncio. E em muitos casos, cumplicidade."<sup>38</sup> Salvo raras exceções, o que houve foi hipocrisia: dos meios de comunicação, como da imprensa, "vários jornalistas, que talvez até agissem de modo 'normal' em sua profissão, despreocupados com o respeito pelo cidadão comum, viram seus nomes e fotos estampados na primeira página dos próprios jornais em que trabalhavam."<sup>39</sup> Da Igreja, "a hierarquia eclesiástica pouco se incomodou com os presos, mesmo que ameaçados de morte no pau-de-arara ou por falta de assistência médica."<sup>40</sup> Das universidades, "vários intelectuais importantes estiveram presos no Tiradentes. (...) Pouca gente acadêmica dignou-se a visitar os perseguidos, evitando o contágio com a liberdade, uma doença que se alastra quando existe altivez de ânimo."<sup>41</sup>

### **"As pessoas têm que saber que essas coisas aconteceram"**

Da mesma forma que alguns segmentos do país se preocuparam em lembrar e discutir sobre a ditadura em 2004, também o fizeram em 1994, quando se completaram trinta anos do golpe. Foi nesse ano que Alípio Freire, Izaías Almada e J. A. de Granville Ponce se reuniram para um churrasco, onde Maria Aparecida Baccega também estava presente. Nesse encontro, em meio às conversas, naturalmente se lembraram de histórias do tempo em que estiveram presos, quando se conheceram 25 anos antes.

---

<sup>38</sup> FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 43.

<sup>39</sup> ROMANO, R. Frei Tito, d. Lucas e alguns paradoxos. *In*: FREIRE, A.; ALMADA, I.; PONCE, J. A. de G. (Org.). **Tiradentes, um presídio da ditadura**: memórias de presos políticos. São Paulo: Scipione, 1997p. 258.

<sup>40</sup> *Ibid.*, p. 257.

<sup>41</sup> *Ibid.*, p. 258.

Os três autores citados anteriormente participaram de distintos movimentos de esquerda durante o governo militar e foram presos no ano de 1969. Alipio Freire, jornalista, escritor e artista plástico, foi militante da Ala Vermelha (dissidência do PC do B). Izaías Almada, escritor, roteirista e dramaturgo, pertenceu à Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). E J. A. de Granville Ponce, jornalista profissional, foi combatente da Ação Libertadora Nacional (ALN).

Em meio às conversas e a essas lembranças, acabaram decidindo por escrever uma obra sobre aquele período. Eles sentiram a

*necessidade de falar sobre fatos da história contemporânea brasileira, daqueles que vivêramos de perto e que, por motivos óbvios, de natureza política e ideológica, foram e ainda são "esquecidos" por historiadores, pensadores políticos e pela mídia em geral, quando não são deliberadamente falseados<sup>42</sup>.*

Pensaram inicialmente em escrever uma obra de ficção, mas consideraram que um trabalho de levantamento histórico, de resgate da nossa memória mais próxima, se constituiria em matéria mais urgente. Na história da recente ditadura brasileira, os autores consideraram que pouco se abordou sobre o cotidiano dos presos políticos: a ditadura não fora retratada sob essa ótica. Decidiram escrever sobre o Presídio Tiradentes, onde estiveram presos, e por considerarem que uma amostragem significativa do que acontecia nos porões do regime militar poderia ser dali extraída.

*A memória de alguns desses companheiros se constituiria no 'miolo' do livro. Fizemos um mapeamento dos vários partidos, entidades e organizações que lá estiveram, entre 1969 até a derrubada do prédio, em 1973, com o objetivo de conseguir um relato de pelo menos um companheiro de cada uma dessas organizações<sup>43</sup>.*

Dessa idéia resultou o livro intitulado **Tiradentes, um presídio da ditadura – memória de presos políticos**. Este se apresenta como um retrato da ditadura militar do ponto de vista do cotidiano dos presos políticos e tem a intenção de ser uma obra de

---

<sup>42</sup> FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 20.

<sup>43</sup> *Ibid.*, p. 22.

resgate da nossa memória histórica. A obra compõem-se de: uma apresentação de Antônio Cândido; "O olhar da memória", a proposta para o livro, segundo os organizadores, e uma coletânea de desenhos de Sérgio Ferro; "Memória Viva", onde se encontram os 32 depoimentos; "Memória material", uma pesquisa iconográfica; "Outros olhares", onde se encontram os textos-suporte; e um glossário de termos, siglas e expressões.

Logo ao abrir o livro, observamos uma das ilustrações de Sérgio Ferro, descrevendo, através da arte, sua opinião sobre o presídio. Em seguida, nos deparamos com fotos reproduzidas dos prontuários do DOPS e Oban (órgãos da repressão em São Paulo) e que atualmente estão no Arquivo do Estado de São Paulo, que retratam alguns dos depoentes; também verificamos fotos de outros atores sociais, como a de Frei Tito, que esteve no Tiradentes, mas que, após ser torturado diversas vezes, acabou por suicidar-se na França, alguns anos depois de ter sido deportado.

Na apresentação do livro, Antônio Cândido aborda trechos dos depoimentos e comenta sobre os temas mais recorrentes: o alívio, a dignidade, a solidariedade, a serenidade, a sobriedade e a expressão coletiva. "O leitor sente que cada memorialista se orienta pela sinceridade e o desejo de contribuir para traçar o perfil daquele momento, porque, afinal, este livro, como diz uma das ex-detentas, 'é um livro de fatos.'<sup>44</sup> E mostra sua admiração: "Os autores deste livro importantíssimo sobreviveram e souberam relatar o que foi aquele momento atroz de suas vidas e da vida do país, com uma eloquência discreta que causa admiração e faz ver o quanto lhes devemos."<sup>45</sup>

Na primeira parte do livro, chamada "Olhar da memória", os organizadores iniciam com relatos de seus próprios depoimentos sobre o período e, a partir deles,

---

<sup>44</sup> CANDIDO, A. O purgatório. *In*: FREIRE, A.; ALMADA, I.; PONCE, J. A. de G. (Org.). **Tiradentes, um presídio da ditadura**: memórias de presos políticos. São Paulo: Scipione, 1997, p. 14.

<sup>45</sup> CANDIDO, 1997, p. 15.

começam a contar como a idéia do livro surgiu e qual o significado da obra em si. Também comentam porque escolheram o Presídio Tiradentes e discorrem sobre o período da ditadura, a esquerda brasileira e até sobre o comportamento da nação durante aqueles anos.

Em seguida, encontramos os desenhos de Sérgio Ferro que, junto ao da capa, ilustram a obra. Todos estão em preto e branco, "não vejo cores no Tiradentes"<sup>46</sup>, e mostram o "pesadelo", segundo ele, o horror e a tortura, mas também o alívio, a rotina e a esperança. As gravuras foram feitas a pedido dos organizadores; concluíram que elas constituíam uma narrativa em si e decidiram que deveriam compor um capítulo à parte. Concordamos com os autores, mas, infelizmente, não analisaremos a arte do livro, apesar de a considerarmos um material riquíssimo.

Em "Memória viva", que compõe a maior parte do livro, encontramos reunidos os 32 depoimentos que serão mais bem analisados no segundo capítulo de nosso trabalho. Os organizadores comentam que se depararam com algumas dificuldades para recolhê-los. Em primeiro lugar, não localizaram nenhum dos militantes do PCB (que não foram muitos) a tempo de incluir seus relatos no livro. Eles buscaram manter uma proporção entre número de convidados e grupos de origem, assim como a respectiva dimensão desses grupos dentro do presídio. Cruzaram gênero, etnia, faixa etária, origem social, profissões; e esclarecem que não houve qualquer tipo de discriminação a partidos ou pessoas.

Em segundo, comentam sobre os companheiros que negaram escrever suas memórias. De acordo com os organizadores, nenhuma das poucas recusas se deu por motivos políticos, ideológicos ou por discordância com o projeto. Relatam que sua

---

<sup>46</sup> FERRO, S. Desenhos. In: FREIRE, A.; ALMADA, I.; PONCE, J. A. de G. (Org.). **Tiradentes, um presídio da ditadura**: memórias de presos políticos. São Paulo: Scipione, 1997, p. 47.

maior preocupação era com o lembrar, que não viessem a confundir ou distorcer os fatos, até mesmo por causa dos anos que se passaram.

*Apesar dos 25 anos passados, muitos ainda se emocionam com as lembranças e se sentem constrangidos, evitando escrever sobre o assunto; outros não o fizeram por comprovada falta de tempo para escrever e outros ainda – esses em reduzidíssimo número – alegaram não ter a menor habilidade para a tarefa (...) Mas tudo isso há que ser respeitado e jamais o motivo alegado foi colocado em dúvida<sup>47</sup>.*

A intenção era tentar responder:

*quem foram aqueles homens e mulheres que lutaram nos finais dos anos 60, início dos 70, contra a direita civil e militar que governava o Brasil? Qual a sua história? Muitas de suas motivações políticas e ideológicas têm por base uma identidade comum e que os torna atores da história contemporânea do país<sup>48</sup>.*

Os organizadores comentam que todo livro de memórias é um livro impressionista.

*Tomamos contato com uma ideia ou um fato através das impressões do autor sobre essa ideia ou fato. Um ponto de vista que será único, exclusivo. Ao considerarmos a possibilidade de uma obra que pudesse contemplar os vários pontos de vista de um mesmo fato, a prisão política num mesmo espaço e num mesmo tempo, imaginamos ampliar tal universo impressionista, obtendo do conjunto dos relatos uma visão menos particular e mais original. E mais do que isso: o próprio registro da memória histórica<sup>49</sup>.*

Além disso, eles comentam que a pretensão do "Memorial" era de "exercitar a reflexão dos leitores, convidando-os a um passeio intramuros, a um passeio pelos pátios e celas de um calabouço que guardou em cada tijolo derrubado um pouco da memória daqueles que lutaram por um Brasil mais justo, mais solidário e menos miserável."<sup>50</sup>

Na obra, é salientado que houve uma total liberdade para que cada depoente escrevesse e expusesse seus pensamentos, com ênfase no cotidiano da vida carcerária, sendo que apenas dois depoimentos fugiram desse tema. Nos relatos, percebemos poucos assuntos recorrentes, o "alívio" que significava chegar ao Tiradentes, a tortura

<sup>47</sup> FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 23.

<sup>48</sup> *Ibid.*, p. 23-24.

<sup>49</sup> *Ibid.*, p. 24.

<sup>50</sup> FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 25-26.

aos presos comuns, a questão dos "arrepentidos" que foram à TV. Mas estar lá não significava o fim dos interrogatórios a todos.

A ditadura não prendia, todos eram sequestrados e ficavam incomunicáveis por dias ou semanas; muitos desapareceram.

*Todos os que foram presos naquela época estiveram, em algum momento, desaparecidos. Alguns desapareceram para sempre. É preciso não esquecer que nesse período foi instituída a pena de morte no Brasil, só não sendo aplicada oficialmente por pressão internacional<sup>51</sup>.*

O "alívio" atesta o grau de terror e de selvageria dos primeiros momentos da prisão, chegar ao Tiradentes significava voltar a existir: "assumíamos de fato o *status* de prisioneiros reais, vivos, com nome e endereço conhecido."<sup>52</sup>

Após os depoimentos, encontramos no livro a "Memória material": iconografia do cotidiano do presídio. São fotos do prédio, de documentos, de ex-presos. E também fotos de desenhos, do artesanato e das obras de arte produzidas dentro do presídio, fotos que mostram um pouco das atividades rotineiras dos presos. E por último, uma foto dos ex-presos que deram seus testemunhos, sendo que dos 35 apenas quatro não puderam comparecer, em frente ao arco do Presídio Tiradentes (o que sobrou dele após a demolição, bem que foi tombado). É uma coleção muito interessante de fotos que também, infelizmente, não é objeto de nosso estudo.

Depois da iconografia, encontramos "Outros olhares": sete textos que fazem análises dos diversos aspectos relacionados com o conteúdo do livro. Os organizadores consideram que a obra, enquanto resgate de um momento histórico, estaria incompleta sem a visão de alguns estudiosos que procuraram analisar algumas subjetividades (o preso enquanto preso; a reinserção social, o idealismo revolucionário). Para eles, os textos complementam e orientam a leitura dos vários relatos "pois, na sua base de

---

<sup>51</sup> *Ibid.*, p. 26.

<sup>52</sup> *Ibid.*, p. 27.



pesquisa e argumentação, vamos encontrar respostas a muitas das questões propositalmente falseadas ou esquecidas pela mídia de um modo geral e até por segmentos da comunidade acadêmica."<sup>53</sup>

Em ordem que aparecem no livro, eles são: "A lei, ora, a lei..." de Maria Alcantara de Carvalho, advogada de presos políticos no período estudado. "O romantismo revolucionário nos anos 60", de Marcelo Ridenti, que analisa o "sonho" da esquerda nesses anos e a luta armada. "Algumas práticas 'psi' no Brasil do 'milagre'", de Cecília Maria B. Coimbra. "A subversão do eu", de Maria Auxiliadora de Almeida Cunha Arantes, com uma análise voltada para os aspectos psíquicos e afetivos do militante. "Um tempo sem trégua: as prisões políticas nos anos 60/70" de Luci Gati Pietrocolla, que comenta sobre a vida carcerária desses presos. "O arbítrio transfigurado em lei e a tortura política", de Irene Cardoso, que discursa sobre a questão da tortura política. E o último texto, "A história do Presídio Tiradentes: um mergulho na iniquidade", de Marcia M. de R. Camargo e Vladimir Sacchetta, que comentam um pouco sobre as primeiras cadeias de São Paulo, e sobre o presídio: sua história desde seu início, em 1852, à sua demolição, em 1973.

A última parte do livro é um glossário de termos, siglas e expressões; este foi organizado pelos autores para auxiliar a compreensão do leitor. Para quem não está familiarizado com o período, o glossário quase compõe um estudo à parte, necessário para o conhecimento de uma época na qual a prisão, a tortura e, até a morte, eram rotina na vida dos que se opunham ao governo.

---

<sup>53</sup> FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 28.

## "Presídio da subversão"

A intenção do livro foi centralizar-se no cotidiano de presos políticos que passaram, em algum momento da fase carcerária, no presídio Tiradentes. A Casa de Correção, seu nome inicial, foi oficialmente inaugurada em 1852 (apesar de sua construção ter sido iniciada em 1837), quando São Paulo possuía apenas uma cadeia pública onde eram destinados os arruaceiros e escravos fugitivos, sediada no Paço Municipal. Mais tarde seu nome mudou para Recolhimento de Presos Tiradentes. Desde seu início a intenção era a de isolar os excluídos:

*depósito de escravos, casa de correção, cadeia pública e cárcere político. Com sucessivas utilizações, sempre relacionadas ao confinamento e castigo de homens e mulheres, o conjunto que forma o Presídio Tiradentes, ao longo de seus quase dois séculos de existência, foi recebendo uma série de remendos nos velhos pavilhões e muros, alguns dos quais apoiados sobre paredes de taipas<sup>54</sup>.*

São Paulo cresceu de forma rápida e desordenada no início do século XX, com um incremento de ex-escravos e imigrantes vindos do campo. Naquela época, a cidade está se industrializando; surgem as primeiras greves e a polícia reorganiza-se. "A questão social vira caso de polícia."<sup>55</sup>

*Concomitantemente, verifica-se uma tendência expansionista do sistema penal e dos mecanismos de controle social. A DEOPS – Delegacia Especializada de Ordem Política e Social – é estabelecida em 1924 [...] Em 1930 'é desdobrado em duas partes: de Ordem Política e de Ordem Social [...] Mas o crescente número de estabelecimentos penitenciários não conseguia suprir a demanda por espaços prisionais e a superlotação logo toma conta dos novos locais, que rapidamente se deterioram<sup>56</sup>.*

As condições sanitárias do presídio nunca foram boas. Desde meados de 1880 registrou-se ali surtos de varíola e tuberculose, altos índices de mortalidade, problemas de superlotação e fugas. Em 1955, "o diretor do Departamento de Presídios do Estado, J. B. Viana de Moraes, queixava-se a seus superiores [...]. E alertava: 'Ali nada existe, e

<sup>54</sup> CAMARGOS, M. M. R.; SACCHETTA, V. A história do presídio Tiradentes: um mergulho na iniquidade. In: FREIRE, A.; ALMADA, I.; PONCE, J. A. de G. (Org.). **Tiradentes, um presidio da ditadura**: memórias de presos políticos. São Paulo: Scipione, 1997, p. 484.

<sup>55</sup> *Ibid.*, p. 488.

<sup>56</sup> CAMARGO; SACCHETTA, 1997, p. 489.

o que há não presta. Falta de atenção aos mínimos e rudimentares princípios da solidariedade humana. É a ante-sala do crime em larga escala"<sup>57</sup>. Mesmo assim o presídio continuou em funcionamento. Lá estavam homens tratados como animais, amontoados em celas imundas, acrescidos de outros presos oriundos de batidas policiais; em meio a rebeliões, fugas e massacres envolvendo o Esquadrão da Morte.

O título de "Presídio da subversão" surgiu quando se noticiou que, a partir de 5 de novembro de 1971, uma ala do presídio estaria reservada exclusivamente para os presos políticos, opositores da ditadura militar, apesar de que os opositores do regime já eram regularmente encarcerados lá em 1968. Sua função de cárcere político era reassumida, contradizendo o governo militar que não reconhecia a existência de presos políticos. "O velho Tiradentes retomava, aí, sua vocação inaugurada no Estado Novo, quando o regime de Getúlio Vargas criou para os presos políticos – ou apenas suspeitos caídos em desgraça perante aquela ditadura – um pavilhão especial."<sup>58</sup>

Por fim, em 1973, uma vistoria "detectaria a iminência de desabamentos e risco de incêndios face à precariedade da rede elétrica improvisada e à contínua infiltração de água de chuva nas lajes, paredes e pisos."<sup>59</sup> No mesmo ano, o presídio foi fechado e demolido, em função das obras do Metrô, permanecendo apenas o arco de entrada, construído na década de 1930. O portal de pedra do Tiradentes foi tombado em 1987, como consta no livro do tombo histórico. "Com a demolição, desapareceria um pedaço de história que se confunde com a memória do sistema carcerário e da própria cidade."<sup>60</sup>

---

<sup>57</sup> *Ibid., loc. cit.*

<sup>58</sup> *Ibid.*, p. 492.

<sup>59</sup> *Ibid.*, p. 485.

<sup>60</sup> CAMARGO; SACCHETTA, 1997, p. 485.

## "Não éramos heróis, mas também não éramos bandidos"

Na apresentação de livro, Antônio Candido comenta sobre o livro a partir de trechos dos depoimentos contidos nele. Relata que a partir desses testemunhos pode-se identificar o perfil dos homens e mulheres de diversas organizações, em sua maioria jovens com aproximadamente vinte anos, cujos relatos estão agora preservados. Verificamos que os autores não se posicionam como vítimas, e nos parece que estavam conscientes dos riscos que corriam com o processo de luta política.

Durante a ditadura militar pós-1964, no presídio Tiradentes:

*estiveram representadas todas as organizações revolucionárias e partidárias da esquerda, liberais, progressistas e simpatizantes da luta de emancipação do povo brasileiro. Por lá passaram homens e mulheres de todo o país [...]. Os presídios foram muitos por esse Brasil afora, mas certamente por São Paulo passou o maior número de prisioneiros<sup>61</sup>.*

Como comentamos anteriormente, pode se perceber que para a maioria dos autores chegar ao Tiradentes significava um alívio, por terem sobrevivido às torturas, ao desaparecimento, à morte. O presídio Tiradentes "foi o sonho e pesadelo de uma geração. Os que lá passaram, pelos anos 60 e 70, carregarão uma marca para o resto das suas vidas, nem sempre ruim, é bom que se diga, pois a prisão política [...] não é o inferno na terra. Ali se cultivaram também valores."<sup>62</sup>

## Um olhar

Para examinarmos o período pós-64, utilizaremos os depoimentos contidos no livro **Tiradentes, um presídio da ditadura**. Desses testemunhos podemos extrair uma visão dos acontecimentos e não a história da ditadura. Embora certas memórias

---

<sup>61</sup> CANDIDO, 1997, p. 16.

<sup>62</sup> FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 41.

permaneçam enquanto outras não, um país precisa conhecê-las e registrá-las na medida em que elas fazem parte de sua identidade.

Feitas essas considerações, abordaremos no primeiro capítulo quais conceitos de "memória" são relevantes para nosso trabalho, no qual apenas estudamos os aspectos sociais, e suas relações com a identidade e com a história. Pretendemos investigar os usos da "memória" e, conseqüentemente, do "esquecimento", pelos grupos sociais, nas manipulações e nos jogos de poder, e o que se pode esperar quando as lembranças são passadas para o formato escrito. Para isso, utilizamos principalmente o livro **A memória social** de Maurice HALBWACHS.

E no segundo, nosso objetivo é mostrar como os depoimentos de ex-presos políticos, contidos no livro **Tiradentes, um presídio da ditadura**, nosso objeto de estudo, podem ser entendidos sob a perspectiva de memória social que tratamos no primeiro capítulo. Ao citarmos trechos dos testemunhos, observaremos também as relações entre os conceitos estudados e identidade, história, esquecimento, manipulação, tempo e espaço. Por último, investigaremos as vantagens e as desvantagens da memória escrita.

## CAPÍTULO I – SOBRE A MEMÓRIA SOCIAL

Entendemos que a "memória" deve ser analisada sob diversos aspectos, principalmente o fisiológico, o psicológico e o social. Para nosso trabalho, nos interessa o aspecto social e por isso escolhemos nos aprofundar no conceito que Maurice HALBWACHS apresenta em seu livro **A memória coletiva**, por este constituir-se em uma base teórica fundamental à maioria dos trabalhos historiográficos que discutem essa mesma questão.

De forma mais simples, podemos dizer que a memória, "como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas."<sup>63</sup> Porém, como foi mencionado, estamos nos orientando a partir do conceito de memória apenas em seu aspecto social. É preciso escolher uma definição, como BURKE refere no seguinte trecho:

*escolhi o termo 'memória social', estabelecido na última década, como uma forma útil e simplificada que resume o complexo processo de seleção e interpretação de uma fórmula simples, e enfatiza a homologia entre os meios pelos quais se registra e se recorda o passado. (...) Se usarmos termos como 'memória social', nos arriscaremos a tratar os conceitos, uma abstração, como tendo uma existência concreta, material. Por outro lado, se nos recusarmos a usar esses termos, há o perigo de não percebermos as diferentes maneiras pelas quais as ideias dos indivíduos são influenciadas pelos grupos a que eles pertencem<sup>64</sup>.*

Em vários trechos HALBWACHS mostra a sua opção pelo aspecto social:

*não subsistem, em alguma galeria subterrânea de nosso pensamento, imagens completamente prontas, mas na sociedade, onde estão todas as indicações necessárias para reconstruir tais partes de nosso passado, as quais nos representamos de modo incompleto ou indistinto, ou que, até mesmo cremos que provêm completamente de nossa memória<sup>65</sup>..*

---

<sup>63</sup> LE GOFF, 2003, p.419.

<sup>64</sup> BURKE, P. História como memória social. In: \_\_\_\_\_ **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 71-72.

<sup>65</sup> HALBWACHS, 2004, p. 81.

### 1.1 Memória coletiva, memória individual e identidade

A memória pode ser dita coletiva porque está para além da função individual humana pois se estabelece dentro de um grupo, pela inserção, identificação e relações entre os indivíduos. O passado não permanece totalmente dentro de nossa memória<sup>66</sup>. A duração das lembranças está também no grupo através do contato contínuo, o indivíduo sente que pertence, pensa e lembra como membro<sup>67</sup>. Para que existam lembranças em comum dentro dele e para que os indivíduos se compreendam e confirmem as lembranças, é preciso haver pontos de contato e o esquecimento das barreiras que os separam no presente<sup>68</sup>.

Um indivíduo se lembra apoiado à memória do grupo, mas isso não quer dizer que precise de sua presença física, o grupo também exerce influência mesmo à distância basta que o membro ainda se sinta pertencente a ele.<sup>69</sup> Porém, se esse grupo se tornar estranho a nós "por mais que nos encontremos no meio deles, não conseguiremos reconstituir com eles o grupo antigo."<sup>70</sup>

Mas a memória coletiva não explica todas as lembranças e, talvez, nem explique por si mesma a evocação de qualquer uma delas<sup>71</sup>. Distingue-se, então, algo individual. "Nós nos lembraremos daquilo que experimentávamos então com o desconhecimento dos demais, como se essa espécie de lembrança houvesse marcado mais profundamente sua impressão em nossa memória porque não tinha relação senão conosco."<sup>72</sup>

Notamos como HALBWACHS passa da memória coletiva à individual a seguir.

---

<sup>66</sup> HALBWACHS, 2004, p. 81

<sup>67</sup> *Ibid.*, p. 33.

<sup>68</sup> *Ibid.*, p. 36.

<sup>69</sup> *Ibid.*, p. 126-127.

<sup>70</sup> *Ibid.*, p. 36.

<sup>71</sup> *Ibid.*, p. 41.

<sup>72</sup> *Ibid.*, p. 38.

*No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer da sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos, mais frequentemente em contato com ele. Quanto àquelas que concernem a um pequeno número e algumas vezes a só um de seus membros, embora estejam compreendidas em sua memória, – já que, ao menos por uma parte, elas se produzem dentro de seus limites – passam para último plano<sup>73</sup>.*

De acordo com esses planos, podemos pensar nos graus de dificuldade para se lembrar. As lembranças mais fáceis de evocar são as de domínio comum, porque facilmente nos apoiamos na memória do outro, já que elas se conservam em grupos, aonde as buscamos, nos quais somos livres para penetrar. Já as de maior de dificuldade para serem resgatadas são as que precisam de uma maior complexidade de condições necessárias para que sejam lembradas, as que se conservam em grupos mais distantes, que temos contato intermitente, ou "aquelas que não concernem a não ser a nós, que constituem nosso bem mais exclusivo, como se elas não pudessem escapar aos outros senão na condição de escapar também a nós próprios."<sup>74</sup> A memória individual "não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros."<sup>75</sup>

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e ele "muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios."<sup>76</sup> Além disso, "a sucessão de lembranças, mesmo daquelas que são mais pessoais, explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os outros diversos meios coletivos."<sup>77</sup>

---

<sup>73</sup> HALBWACHS, 2004, p. 49-50.

<sup>74</sup> *Ibid.*, p. 53-54.

<sup>75</sup> *Ibid.*, p. 58.

<sup>76</sup> *Ibid.*, p. 55.

<sup>77</sup> *Ibid.*, p. 56.



Portanto, duas formas de memória se organizam em um mesmo indivíduo e, conforme participe de uma ou de outra, adota dois tipos de atitudes totalmente diferentes e contrárias.

*De um lado, é no quadro de sua personalidade, ou de sua vida pessoal, que viriam tomar lugar suas lembranças: aquelas que lhe são comuns com outras não seriam consideradas por ele a não ser sob o aspecto que lhe interessa, na medida em que ele se distingue delas. De outra parte, ele seria capaz, em alguns momentos, de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter as lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo. Se essas duas memórias se penetram frequentemente; em particular se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela; nem por isso deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente à sua substância. a memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal<sup>78</sup>.*

Nesse sentido, adicionamos uma outra diferenciação. Em seu diálogo com BERGSON e PROUST, SEIXAS<sup>79</sup> estabelece duas noções: a memória voluntária e a involuntária. A primeira seria a memória corriqueira e superficial, uniforme, ligada ao hábito e, conseqüentemente, à repetição passiva e mecânica. A segunda, instável e descontínua, carregada de afetividade, é chamada de "verdadeira memória": "espotânea, ela é feita de imagens que aparecem e desaparecem independentemente da nossa vontade, revela-se por 'lampejos bruscos', mas se afasta ao mínimo movimento da memória voluntária."<sup>80</sup>

A partir disso, podemos refletir sobre a relação dessas memórias com a identidade. Examinamos em HALBWACHS que uma das premissas para o indivíduo se lembrar a partir de um grupo é identificação com ele: "desde o momento em que nós e

<sup>78</sup> HALBWACHS, 2004, p. 57-58.

<sup>79</sup> SEIXAS, J. A. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, S; NAXARA, M.(Org.) **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Unicamp, 2004, passim.

<sup>80</sup> *Ibid.*, p. 46.

as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum sob alguns aspectos, permanecemos em contato com esse grupo, e continuamos capazes de nos identificar com ele e de confundir nosso passado com o seu."<sup>81</sup>

Essa mesma ideia está presente em BOSI: "há portanto uma memória coletiva produzida no interior de uma classe, mas com poder de difusão, que se alimenta de imagens, sentimento, ideias e valores que dão identidade àquela classe."<sup>82</sup>

Então pode-se afirmar que o sentido de identidade é intrínseco à memória coletiva de um grupo. "A identificação nasce de uma comunidade afetiva e ideológica entre o indivíduo e o grupo local dominante, comunidade que a ação conjunta só poderia reforçar."<sup>83</sup> A memória seria, então, um elemento da identidade, tanto da individual quanto da coletiva<sup>84</sup>.

Portanto, reconhecemos a importância do grupo social para o lembrar.

Examinamos como HALBWACHS descreve como o grupo se compõe a seguir:

*o grupo não é somente, nem mesmo principalmente um conjunto de indivíduos definidos e sua realidade não se esgota em algumas imagens que podemos enumerar e a partir das quais o reconstruímos. Pelo contrário, o que constitui essencialmente, é um interesse, uma ordem de ideias e de preocupações, que sem dúvida se particularizam e refletem em certa medida as personalidades de seus membros, mas que são não todavia bastante gerais e mesmo impessoais para conservar seu sentido e sua importância para mim, ainda que mesmo essas personalidades se transformassem e que outras, semelhantes é verdade, porém diferentes, lhes fossem substituídas. É isto que representa o elemento estável e permanente do grupo, e longe de encontrá-lo a partir de seus membros, é a partir desse elemento que reconstruo a imagem destes<sup>85</sup>.*

---

<sup>81</sup> HALBWACHS, 2004, p. 33.

<sup>82</sup> BOSI, 2003, p. 18.

<sup>83</sup> BOSI, E. **Memória e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 462.

<sup>84</sup> LE GOFF, 2003, p. 469.

<sup>85</sup> HALBWACHS, 2004, p. 127.

## 1.2 Memória, memória histórica e história

Ao se estudar a memória é importante fazer uma reflexão entre ela e a história, levando em conta tanto a percepção do desenvolvimento social humano quanto o modo de se estudar o passado. Em relação à primeira, destacamos as relações de poder e o jogo de influências, como LE GOFF aponta: "a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção."<sup>86</sup> Essa questão será tratada mais adiante.

Em relação à segunda, é essencial estudar as relações entre a memória e sua apropriação pela história. A definição tradicional de que a memória reflete sobre o que aconteceu e a história reflete sobre a memória é rejeitada por BURKE<sup>87</sup> (e também por nós) por ser muito simples. Ele comenta que temos que considerar a seleção consciente ou inconsciente e as interpretações e distorções que possam vir a ocorrer, que por sua vez podem ser influenciados pelos grupos sociais.

Para entendermos essas relações, nos voltamos novamente para HALBWACHS, que faz a distinção entre uma memória pessoal, autobiográfica, e uma memória social, histórica. A primeira se apoia na segunda, afinal, toda história de nossa vida faz parte da história em geral. A segunda seria, naturalmente, bem mais ampla e representa o passado sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contíguo e mais denso<sup>88</sup>. Além disso, o autor defende que a história não é todo o passado nem tudo aquilo que resta do passado. "ou, se o quisermos, ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo, e onde é possível encontrar um grande número dessas

---

<sup>86</sup> LE GOFF, 2003, p.469.

<sup>87</sup> BURKE, 2000, p. 70.

<sup>88</sup> HALBWACHS, 2004, p. 59.

correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência."<sup>89</sup> Entendemos que essa história viva é uma memória coletiva.

Um indivíduo está inserida nos meios sociais através dos quais entra em contato com o passado, segundo HALBWACHS, e é nesse passado vivido e na história escrita que encontramos um quadro aonde a memória pode se apoiar.<sup>90</sup> Um indivíduo carrega lembranças históricas que podem ser ampliadas pela leitura ou contato com os grupos, e por isso é uma memória emprestada.<sup>91</sup>

*se eu quiser reconstituir em sua integridade a lembrança de um tal acontecimento, seria necessário que eu juntasse todas as reproduções deformadas e parciais de que é o objeto entre todos os membros do grupo. Pelo contrário, minhas lembranças pessoais são inteiramente minhas, estão inteiramente em mim*<sup>92</sup>.

Entre o indivíduo e a nação há muitos grupos, cada um deles tem sua memória, sendo que cada pessoa participa de vários grupos ao mesmo tempo.<sup>93</sup> A memória nacional, como um resumo dos acontecimentos mais importantes que modificaram a nação, está longe demais do indivíduo, pois entre ela e ele existem pouquíssimos pontos de contato (a não ser que a pessoa seja um personagem histórico, cuja história pessoal teria pontos em comum com a da nação<sup>94</sup>). HALBWACHS defende que não é possível prever como os acontecimentos repercutirão, mas é a repercussão que penetra na memória de um povo<sup>95</sup>.

Para o autor, a história é uma e somente uma<sup>96</sup>, e que pode até apresentar-se como uma história universal humana. Porém, as memórias coletivas são múltiplas e não há algo como memória universal, pois toda memória coletiva tem por suporte um grupo

---

<sup>89</sup> HALBWACHS, 2004. p. 71.

<sup>90</sup> *Ibid.*, p. 75.

<sup>91</sup> *Ibid.*, p. 58.

<sup>92</sup> *Ibid.*, p. 59.

<sup>93</sup> *Ibid.*, p. 84.

<sup>94</sup> *Ibid.*, p. 83.

<sup>95</sup> *Ibid.*, p. 111.

<sup>96</sup> *Ibid.*, p. 89.

limitado no espaço e no tempo.<sup>97</sup> A história reduz os acontecimentos a termos aparentemente comparáveis, ligando-os uns aos outros.<sup>98</sup>, desprezando os momentos rotineiros, ao contrário da memória coletiva, que privilegia os momentos em que aparentemente nada acontece.<sup>99</sup>

A história se coloca acima dos grupos e fora deles; ela os examina por fora, e abrange uma duração bastante longa, como momentos que se estendem por períodos inteiros. A memória coletiva, ao contrário, é o grupo visto de dentro, durante um período que não ultrapassa a duração média da vida humana, portanto, os acontecimentos dentro da memória coletiva são esquecidos quando os grupos que os guardavam desaparecem.<sup>100</sup>

A memória consegue se estender até um certo limite e, para além dele, a história passa a prestar atenção por ser a única que pode conservar os fatos segundo HALBWACHS.<sup>101</sup> A respeito da história e da memória, a primeira começa quando acaba ou decompõe a segunda. Se a lembrança ainda existe, ela ainda possui continuidade, retém do passado aquilo que ainda está vivo ou ainda vivo na consciência do grupo e, portanto, seria inútil fixá-la por escrito.<sup>102</sup> Compreendemos que o autor não acredita que haja uma história do presente.

Entendemos, então, que história e memória não se confundem, mas também não há uma oposição entre elas; o que existe é uma apropriação. A história, como HALBWACHS comenta, é uma compilação de fatos, que são escolhidos, classificados e reunidos conforme as relações de força e poder, que ocuparam o maior espaço na

---

<sup>97</sup> HALBWACHS, 2004, p. 90.

<sup>98</sup> *Ibid.*, p. 91.

<sup>99</sup> *Ibid.*, p. 92.

<sup>100</sup> *Ibid.*, p. 93.

<sup>101</sup> *Ibid.*, p. 114.

<sup>102</sup> *Ibid.*, p. 86.

memória dos homens,<sup>103</sup> e estaria mais para "uma operação profana, uma reconstrução intelectual sempre problematizadora que demanda análise e explicação, uma representação sistematizada e crítica do passado."<sup>104</sup> Já a memória, como vimos, está nos grupos sociais, em constante mudança, tanto pelas relações de poder quanto por ser uma reconstrução do passado com dados também do presente. Ela "introduz o passado no presente sem modificá-lo, mas necessariamente atualizando-o; é preciso considerar atentamente que o passado é por via de regra plural, um pulsar de descontinuidade."<sup>105</sup> O historiador, ao privilegiar a memória como seu objeto de estudo, se apropria das lembranças, mas acaba por "cristalizá-las", tornando-as um objeto "estático" que não mais se atualizará ou transformará.

### 1.3 Memória e esquecimento; manipulação e poder

Aprofundar nos estudos da memória social e nas relações entre memória e a produção do saber histórico é de extrema importância pois, como vimos anteriormente os povos que não têm passado são mais fáceis de serem manipulados.

Uma das primeiras formas de manipulação acontece dentro dos grupos sociais. Por haver uma mistura entre lembranças individuais e coletivas, eles empenham-se em manter uma persuasão junto a seus membros.

*Toda arte do orador consiste talvez em dar àqueles que o ouvem a ilusão de que as convicções e os sentimentos que ele desperta neles não lhes foram sugeridos de fora, que eles nasceram deles mesmos, que ele somente adivinhou o que se elaborava no segredo de suas consciências e não lhes emprestou mais que sua voz<sup>106</sup>.*

---

<sup>103</sup> HALBWACHS, 2004, p. 85.

<sup>104</sup> SEIXAS, 2004, p. 41.

<sup>105</sup> *Ibid.*, p. 50.

<sup>106</sup> HALBWACHS, 2004, p. 51.

Para HALBWACHS, os indivíduos acreditam pensar e sentir livremente mesmo quando cedem sem resistência a uma sugestão de fora: é assim que a maioria das influências sociais que obedecem com mais freqüência passam despercebidas.<sup>107</sup> Não percebem essas influências por elas serem mais numerosas e, portanto, complexas.

*Acontece mesmo freqüentemente que a dosagem de nossas opiniões, a complexidade de nossos sentimentos e de nossas preferências não são mais que a expressão dos acasos que nos colocaram em relação com grupos diversos ou opostos, e que a parte que representamos em cada modo de ver está determinada pela intensidade desigual das influências que estes têm, separadamente, exercido sobre nós*<sup>108</sup>.

As instituições sociais fazem diferentes usos da memória coletiva<sup>109</sup> porque ela é um instrumento e um objeto de poder.<sup>110</sup> Ao contrário da história, que tem por norma a verdade, a memória pode fazer parte do jogo do poder, autorizar manipulações conscientes ou inconscientes ou obedecer aos interesses individuais ou coletivos.<sup>111</sup> Nesse sentido, LE GOFF comenta sobre o termo "história da história": é, na maioria das vezes, o estudo da manipulação de um fenômeno histórico pela memória coletiva.<sup>112</sup>

Portanto, um dos usos da memória é exercer controle:

*a memória é ativada visando, de alguma forma, ao controle do passado (e, portanto, do presente). Reformar o passado em função do presente via gestão das memórias significa, antes de mais nada, controlar a materialidade em que a memória se expressa (das relíquias aos monumentos, aos arquivos, símbolos, rituais, datas, comemorações...). Noção de que a memória torna poderoso(s) aquele(s) que a gere(m) e controla(m)*<sup>113</sup>.

Porém, para entendermos como a memória se torna objeto de poder, temos que acrescentar a questão do esquecimento:

*as regras de exclusão, supressão ou repressão e a questão de quem quer que quem esqueça o quê e por quê. Em suma, a amnésia social. Amnésia se relaciona a 'anistia', com o que se chamava de 'atos de esquecimento', a*

<sup>107</sup> HALBWACHS, 2004, p. 52.

<sup>108</sup> *Ibid.*, loc. cit.

<sup>109</sup> LE GOFF, 2003, p. 467.

<sup>110</sup> *Ibid.*, p. 470.

<sup>111</sup> *Ibid.*, p. 32.

<sup>112</sup> *Ibid.*, p. 468.

<sup>113</sup> SEIXAS, 2004, p. 42.

*obliteração oficial de memórias em conflito no interesse da coesão social. A censura oficial do passado também é muito famosa*<sup>114</sup>.

Nesse sentido, aqueles que detêm o poder sobre a memória e o esquecimento são os que decidem sobre o que é importante ou digno de memória. "Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva."<sup>115</sup> Portanto, há uma relação entre o esquecimento e a manipulação: "se há uma 'arte' especialmente maldita é esta, a de forçar, através da propaganda, o esquecimento de coisas importantes a povos inteiros, substituindo-as por mentiras. Intoxicados pelas mentiras, esses povos podem ser levados a cometer as piores barbaridades."<sup>116</sup>

Desse modo, como a identidade é um elemento da memória coletiva de um grupo, o esquecimento interfere na identidade, como diz LE GOFF

*num nível metafórico, mas significativo, a amnésia é não só uma perturbação no indivíduo, que envolve perturbações mais ou menos graves da presença da personalidade, mas também a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações, que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva*<sup>117</sup>.

Por outro lado, concordamos com SEIXAS<sup>118</sup> quando comenta sobre a revalorização extrema das práticas e usos da memória e a interdição do esquecimento. De uma certa forma, sabemos que a história participa da formação da identidade, e que uma de suas fontes é a memória. Porém, como pouco se teorizou sobre a memória, social ou histórica, é preciso cuidado ao enfatizá-la em detrimento da reflexão sobre seu oposto, o esquecimento. Neste sentido, ao dialogar com VIDAL-NAQUET, NIETZSCHE e PROUST, SEIXAS discute que o esquecimento não é a negação ou "falha" da memória, até mesmo porque o excesso de conhecimento não significa justiça,

---

<sup>114</sup> BURKE, 2000, p. 85-86.

<sup>115</sup> LE GOFF, 2003, p. 422.

<sup>116</sup> ISQUIERDO, 2004, p.71.

<sup>117</sup> LE GOFF, 2003, p. 421.

<sup>118</sup> SEIXAS, J. A. Comemorar entre memória e esquecimento: reflexões sobre a memória histórica. *In: História: questões e debates*. Curitiba: v. 17, n. 32, p. 75-95, jan./jun., 2000, passim.



e o homem que não se esquece se torna escravo do passado, distanciado tanto do presente quanto do futuro.<sup>119</sup> (JACY, 2000, p. 86)

Desse modo, se reconhecemos a importância de lembrar, temos que estabelecer a importância do esquecer. "O papel mais importante do esquecimento é o de impedir a interpenetração e confusão dos estados de consciência, de preservar todos os momentos do passado em 'recipientes fechados.'"<sup>120</sup>

Nesse sentido, concluímos que a memória e o esquecimento, como SEIXAS aponta em seu diálogo, formam um par, estão em um equilíbrio e são descontínuos. E se é preciso saber lembrar, também é necessário saber esquecer, é importante uma dosagem exata de memória e esquecimento.<sup>121</sup> "O esquecimento alimenta [a memória], fecunda-a, pois a memória não reconstitui um passado vivido (o passado tal como foi vivido não pode ser jamais reencontrado), ela recria um passado diferente porque atualizado."<sup>122</sup>

E, por último, outros fatores têm que ser levados em conta para se entender o esquecimento. Primeiramente, como vimos em HALBWACHS, a memória está no grupo, esquecer um período da vida pode significar apenas que se perdeu contato com o grupo.<sup>123</sup> E em segundo lugar, temos que considerar até mesmo que de que tipo de lembrança estamos falando. As lembranças confusas podem significar "o jogo dos sentimentos no esforço humano para esquecer o que é triste, e valorizar, através da rememoração, as lembranças mais alegres."<sup>124</sup>

---

<sup>119</sup> SEIXAS, 2000, p. 86.

<sup>120</sup> *Ibid.*, p. 88.

<sup>121</sup> *Ibid.*, passim.

<sup>122</sup> *Ibid.*, p. 94.

<sup>123</sup> HALBWACHS, 2004, p. 37.

<sup>124</sup> PIETROCOLLA, L. C. Um tempo sem trégua: as prisões políticas nos anos 60/70. In: FREIRE, A.; ALMADA, I.; PONCE, J. A. de G. (Org.). **Tiradentes, um presídio da ditadura**: memórias de presos políticos. São Paulo: Scipione, 1997, p. 463.

#### 1.4 Memória coletiva, tempo e espaço

Em último lugar, destacamos a questão do tempo e do espaço em relação ao lembrar de um acontecimento, e encontramos essa discussão em HALBWACHS. O autor defende que associamos a lembrança a um tempo e um espaço.

*O tempo nos importa aqui somente na medida em que deve nos permitir conservar e lembrar dos acontecimentos que ali se produziram (...). Se se trata de um acontecimento de minha vida familiar, de minha vida profissional, ou que aconteceu em um dos grupos aos quais meu pensamento se reporta com maior frequência, será talvez o quadro temporal que me ajudará melhor a dele me lembrar. (...) Já que a lembrança conserva os traços do período ao qual se reporta, este só foi lembrado talvez, porque havíamos vislumbrado esses traços, e pensando no tempo em que o acontecimento se realizou<sup>125</sup>.*

A questão do tempo também tem a ver com o grupo. O indivíduo é membro de vários ao mesmo tempo e, por isso, participa de vários tempos coletivos. Como anteriormente mencionamos, a memória do grupo vai até um certo limite, o da duração média da vida humana, mas ainda assim, diferentes grupos recuam no passado até diferentes limites. E de acordo com sua maior ou menor participação neste ou naquele pensamento coletivo, possui lembranças mais ou menos distantes.<sup>126</sup>

Além do tempo, entendemos a importância do espaço na formação da memória.

*Cada objeto encontrado, e o lugar que ocupa no conjunto, lembram-nos uma maneira de ser comum a muitos homens, e quando analisamos este conjunto, fixamos nossa atenção sobre cada uma de suas partes, é como se dissecássemos um pensamento onde se confundem as relações de uma certa quantidade de grupos<sup>127</sup>.*

Grupos e espaço estão conectados, e HALBWACHS demonstra isso quando comenta que o grupo inserido numa parte do espaço, transforma essa parte à sua imagem, ele deixa sua marca ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta ao que resiste. Neste lugar, cada aspecto e detalhe tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo. O espaço, então, seria uma condição essencial de sua existência:

<sup>125</sup> HALBWACHS, 2004, p. 106.

<sup>126</sup> *Ibid.*, p. 136.

<sup>127</sup> *Ibid.*, p. 138.

"os grupos dos quais falamos até aqui estão naturalmente ligados a um lugar porque é o fato de estarem próximos no espaço que criou entre seus membros relações sociais."<sup>128</sup> Nesse sentido, um acontecimento pode mudar as relações entre o grupo e o lugar seja porque modificou o grupo, seja porque modificou o lugar.<sup>129</sup> Nenhum dos dois será mais o mesmo.

Alguns lugares mudam mais que outros no decorrer do tempo, mas suas mudanças são mais lentas do que as que ocorrem dentro dos grupos. "Os hábitos locais resistem às forças que tendem a transformá-los, e essa resistência permite perceber melhor até que ponto, em tais grupos, a memória coletiva em seu ponto de apoio sobre as imagens espaciais."<sup>130</sup>

É também no espaço que a memória coletiva busca suas lembranças, mas isso não significa que ao observar um lugar, possamos relacioná-lo a uma determinada ação de um grupo que a ele esteve associado.<sup>131</sup> Ele ainda acrescenta que "há tantas maneiras de representar o espaço quanto sejam os grupos."<sup>132</sup>

## 1.5 Memória e memória escrita

A escrita é a única atividade exclusivamente humana e considera-se que apareceu por volta de 4.000 a.C. Ressaltamos a importância da memória escrita por esta estar ligada a uma profunda transformação da memória coletiva.<sup>133</sup> Porém, temos que observar cuidadosamente essa questão. Por um lado, ela traz benefícios, como o de promover a resistência ao tempo, como aparece no trecho a seguir.

---

<sup>128</sup> HALBWACHS, 2004, p. 145.

<sup>129</sup> *Ibid.*, p. 140.

<sup>130</sup> *Ibid.*, p. 142.

<sup>131</sup> *Ibid.*, p. 150.

<sup>132</sup> *Ibid.*, p. 166.

<sup>133</sup> LE GOFF, 2003, p. 427.

*o exórdio da carta concedida em 1174 por Guy, conde de Nevers, aos habitantes de Tonnerre, declara: 'O uso das letras foi descoberto e inventado para conservar a memória das coisas. Aquilo que queremos reter e aprender de cor fazemos redigir por escrito, a fim de que o que se possa reter perpetuamente na sua memória frágil e falível seja conservado por escrito e por meio de letras que duram sempre'*<sup>134</sup>

Promove também uma certa resistência à manipulação. Isso pode ser percebido no trecho, quando se comenta sobre os mitos e suas disseminações: "escrevê-los e imprimi-los, portanto, ajuda a resistência da memória à manipulação."<sup>135</sup>

*A necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade, e mesmo de uma pessoa desperta somente quando eles já estão muito distantes no passado, para que se tivesse a oportunidade de encontrar por muito tempo ainda em torno de si muitas testemunhas que dela conservem alguma lembrança. Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais suporte um grupo, (...) então o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas o escritos permanecem*<sup>136</sup>.

Por fim, com o que está escrito, há uma exposição a novas fontes: "não só o leitor é colocado em presença de uma memória coletiva enorme cuja matéria não é mais capaz de fixar integralmente, mas é frequentemente colocado em situação de explorar textos novos."<sup>137</sup> Porém, como as memórias são influenciadas pela organização social de transmissão e os diferentes meios de comunicação empregados<sup>138</sup>, não há garantia que as memórias transcritas também não sofram influências deles.

Outra ressalva é que não podemos ser ingênuos em pensar que a escrita não influencia na própria mudança que a memória sofre ao ser transcrita. Afinal, "quando lemos narrativas de memórias, é fácil esquecer que não lemos a própria memória, mas suas transformações através da escrita."<sup>139</sup> A isso se adiciona a questão do depoimento. Nele, os sujeitos não estão simplesmente narrando fatos, há um posicionamento. Temos que considerar que

---

<sup>134</sup> LE GOFF, 2003, p. 445.

<sup>135</sup> SCHUDSON, 1992 apud BURKE, 2000, p. 88.

<sup>136</sup> HALBWACHS, 2004, p. 85.

<sup>137</sup> GOURHAN, 1964-1965 apud LE GOFF, 2003, p.452.

<sup>138</sup> BURKE, 2000, p.73

<sup>139</sup> OWEN, 1986 apud BURKE, 2000, p. 74.

*na leitura social do passado com os olhos do presente, o seu teor ideológico se torna mais visível. Na memória política, os juízos de valor intervêm com mais insistência. O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica 'neutra'. Ele quer também julgar, marcando bem o lado em que estava naquela altura da história, e reafirmando sua posição ou matizando-a<sup>140</sup>.*

Por último, infelizmente, da mesma forma que a história consolida a memória, a escrita a também "solidifica", e as lembranças que antes se encontravam no grupo, em constantes transformações e atualizações, passa a ser um texto rígido. Porém, mesmo assim reconhecemos a importância de passá-las ao formato escrito, pelo fato de podermos imortalizá-las.

---

<sup>140</sup> BOSI, 2004, p. 453.

## CAPÍTULO II – OS DEPOIMENTOS E A MEMÓRIA SOCIAL

Neste capítulo, mostraremos como os conceitos de memória que estudamos podem ser aplicados ao nosso objeto de estudo, os depoimentos de presos políticos presentes no livro **Tiradentes, um presídio da ditadura**. Agruparemos trechos dos depoimentos de acordo com os conceitos para que possamos explicitar que a memória coletada pode ser considerada memória social.

### 2.1 Memória coletiva, memória individual e identidade

Lembramos porque pertencemos a um grupo. Há um sentimento de grupo, um desejo de permanecer nele. É interessante a necessidade de manter a memória viva, há muitos que falam isso explicitamente: é preciso não esquecer. Seria uma necessidade de manter aquele grupo ainda unido, de manter a memória daquele tempo viva, pois a memória se apóia sobre o grupo. O grupo ajuda o indivíduo a lembrar, é preciso que o indivíduo continue em contato com o grupo. Isso não quer dizer que o grupo precise estar presente, basta que continue a exercer influência sobre o indivíduo.

- "A memória às vezes prega umas peças e os nomes se embaralham ou somem, mas os rostos, os gestos, os momentos de angústia (...), os motivos de alegria (...), o bom humor que se procurava manter – tudo está vivo e palpita. Éramos sobreviventes (...) E estávamos dispostos a continuar sobrevivendo."<sup>141</sup>
- "Quero registrar aqui a grande estima e admiração que sempre tive pelos companheiros com quem convivi durante três anos no presídio Tiradentes. (...) Eu já estava até me acostumando a ideia de viver sem família (...) não esperava ninguém da minha família, pois eles nem sabiam que eu estava preso."<sup>142</sup>
- "Lembrei-me do meu primeiro contato com um militante do Partidão, em 1964."<sup>143</sup>

---

<sup>141</sup> MACHADO, L. R. Recordação da casa dos vivos. *In*: FREIRE, A.; ALMADA, I.; PONCE, J. A. de G. (Org.). **Tiradentes, um presídio da ditadura**: memórias de presos políticos. São Paulo: Scipione, 1997, p. 68.

<sup>142</sup> MENDES, J. N. Nossa luta não foi em vão. É a história. *In*: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 81.

<sup>143</sup> PITTOLI, C. R. A fortaleza e o queijo. *In*: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 127. p. 110.

- "No Hospital Militar, absolutamente só, algemado a uma cama, não via a hora de voltar para o Tiradentes, juntar-me aos meus, o que aquela altura já seria uma grande felicidade."<sup>144</sup>
- "Dentre as virtudes espantosas desses tantos treme-terra sociais uma delas é inegável: a tolerância. Mais ainda, o exercício da tolerância num dia-a-dia sem perspectiva diante do desejo unânime chamado liberdade."<sup>145</sup>
- "Enquanto caminhávamos, recebíamos palavras de alento dos companheiros detidos há mais tempo."<sup>146</sup>

O que constitui o grupo são os interesses, ideias e preocupações em comum.

Podemos destacar os temas que encontramos na maioria dos testemunhos:

Muitos acreditaram que a "luta" não acabava com a prisão

- "Durante o tempo de presídio, procurávamos não perder a perspectiva de organização política."<sup>147</sup>
- "Era o nosso cotidiano. Marxismo, estruturalismo, macroeconomia, imperialismo, destino da burguesia nacional, identificação do inimigo principal, foquismo, um, dois, três Vietnãs."<sup>148</sup>
- "Quem imagina o presídio como uma espécie de inferno maniqueísta se engana. Uma infinidade de siglas e subsiglas partidárias se confundiam, num imenso caldeirão de discursos e de posturas mais ou menos moralistas, mais ou menos religiosas. O ambiente era de barulho, discussões e conversas."<sup>149</sup>
- "O coletivo na prisão estabelecia regras mais ou menos rígidas para facilitar e organizar o cotidiano. A discussão política se dava em grupos organizados segundo as várias tendências existentes."<sup>150</sup>
- "No Tiradentes entendi melhor as diferenças entre os vários grupos, os 'rachas'. A maioria sabia que tinha perdido a guerra, mas sabia também que fizera história, fizera resistência. A ditadura parecia sólida, intrasponível, fadada a durar uma eternidade. (...) Queríamos deixar para trás os esquemas teóricos, as 'periodizações' do stalinismo, os modelos copiados de outros países. Estudávamos, discutíamos, refletíamos muito. Algumas organizações e companheiros ainda levariam alguns

---

<sup>144</sup> ROIG, V. Encontro e reencontro com o amor e a vida. *In*: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 127.

<sup>145</sup> ALESSI FILHO, V. O pau do loirão e os ovos que "teresa" traz. *In*: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 164.

<sup>146</sup> CITELLI, A. O. O pequeno concerto que não virou canção. *In*: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 191.

<sup>147</sup> MENDES, 1997, p. 79.

<sup>148</sup> NOGUEIRA, R. Em corte seco. *In*: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 147.

<sup>149</sup> RANGEL, S. R. Um maravilhoso mundo novo. *In*: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 159.

<sup>150</sup> SIPAHI, A. M. A cidade vista da janela. *In*: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 232.

anos para iniciar as famosas 'autocríticas': só depois do esmagamento da guerrilha do Araguaia. Outros já vinham nesse processo."<sup>151</sup>

- "Pois o cotidiano se transformava numa continuação da militância. Com todas as contradições entre as várias linhas políticas ali representadas. Havia os que achavam que a prisão era a continuidade, sem mudança, do mesmo confronto que havia lá fora e que, portanto, cabia aos presos gerar constantes fatos políticos para intensificar o atrito com as forças da repressão. (...) Essas diferentes visões da situação geravam intermináveis discussões, ácidos confrontos, intensificando antipatias, gerando ódios pessoais e políticos."<sup>152</sup>

A impressão de alívio: chegar ao presídio significava, na maioria das vezes, o fim da tortura, mas também o reencontro com companheiros, além da possibilidade de afeto.

- "É um paradoxo pensar que um presídio possa ser um alívio – salvo se for o pensamento de um masoquista – mas o presídio Tiradentes, nos anos negros de ditadura, foi pra mim, e para muitos que lá estiveram, uma espécie de alívio. (...) Alívio, pois a possibilidade de tortura diminuía significativamente."<sup>153</sup>
- "Ao ser transferido para o presídio Tiradentes vi, no pátio interno da prisão, vários companheiros conhecidos. De certo modo, foi um alívio, após quase um mês de isolamento passado nos porões do DEOPS. No DEOPS havia vivido e visto o drama do cotidiano marcado pelo ritual da violência. (...) Após a passagem pelo DEOPS, a ida para o Tiradentes e o reencontro de rostos conhecidos e menos tensos representavam uma brisa de oxigênio."<sup>154</sup>
- "Quando ainda estava no DEOPS, chegar ao Tiradentes era uma ânsia. O Tiradentes era o purgatório, esse limbo situado entre o inferno e o paraíso. Claro que – como acontecia com tantos – em qualquer prisão sua cela poderia ser aberta a qualquer momento e voce ser levado sabe Deus para onde. No Tiradentes estavam os prisioneiros que cumpriam pena ou aguardavam julgamento. (...) Chegar ao Tiradentes era ficar um pouco mais longe da sala de tortura."<sup>155</sup>
- "Ser transferida para a Torre, no presídio Tiradentes, significava adentrar um espaço de liberdade que todos nos, mulheres e homens, desejávamos, depois de termos passado pelos horrores da tortura na Oban e pela fase do processo cartorial do DEOPS. Finalmente, encontraríamos novas e velhas amigas e amigos que haviam passado pelo menos processo, teríamos espaços livres para consntruir relações de amizade, conversar, tomar banho de sol, ler, brincar, etc."<sup>156</sup>

<sup>151</sup> MIRANDA, N. Num ponto qualquer entre o inferno e o paraíso. *In*: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 289.

<sup>152</sup> TAPAJÓS, R. A floresta de panos. *In*: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 345.

<sup>153</sup> GOMES, G. S. A longa viagem *In*: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 176.

<sup>154</sup> SIPAHL, A, 1997, p. 231.

<sup>155</sup> MIRANDA, 1997, p. 282.

<sup>156</sup> OLIVEIRA, E. M. Reconstruindo práticas de liberdade. *In*: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 293.



O caso dos "arrepentidos" que foram à TV; quando mencionado, mostra o total desprezo que todos sentiram, por considerarem uma "traição."

- "Em meados de 1970, um grupo de presos políticos (...) entrou em acordo com a ditadura. (...) O grupo ficou conhecido como 'os desbundados'. Após a sua entrevista na televisão, os desbundados foram trazidos de volta para o presídio. Para recebê-los foi preparada uma grande manifestação com gritos e panelaços."<sup>157</sup>
- "A mudança para o pavilhão I foi meio decepcionante porque cai numa cela (6). Lá mandava um grupo que viria um pouco mais tarde fazer um acerto com os militares para escapar da cadeia."<sup>158</sup>
- "O mesmo tipo de resistência se deu quando alguns presos, de modo explícito, negociaram seu apoio à repressão e foram às emissoras de televisão para anunciar que eram bem tratados e que não havia torturas no país."<sup>159</sup>

A revolta contra a tortura dos presos comuns. Os depoimentos mostram uma atenção aos direitos humanos, a tortura é um crime bárbaro.

- "Frequentemente esses presos eram torturados por carcereiros e funcionários com surras e afogamento no 'poção', ou mesmo retirados do presídio e assassinados pelo Esquadrão da Morte do delegado Sérgio Paranhos Fleury."<sup>160</sup>
- "Depois de algum tempo, a gente podia ter a ilusão de que o lugar ali era mais seguro, ainda que essa fantasia fosse quebrada de vez em quando pelos gritos dos presos comuns torturados num poço ou escolhidos para morrer pelo Esquadrão da Morte (...)."<sup>161</sup>
- "A cada agressão física, quase sempre acompanhada de afogamentos em um poço na frente do pavilhão II, no período noturno, gritávamos exigindo que parassem com aquilo (...). Muitos achavam que não devíamos nos meter nas questões que afetavam os presos comuns. Insistíamos que a tortura era algo inominável e que deveria ser sempre combatida e denunciada."<sup>162</sup>

---

<sup>157</sup> RANGEL, 1997, p. 157.

<sup>158</sup> SISTER, S. Cadeia só funciona para inocentes que nem eu. *In*: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 206-207.

<sup>159</sup> CUNHA, C. A. L. Desesperar jamais. Aprendemos muito nesses anos. *In*: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 241.

<sup>160</sup> RANGEL, 1997, 158.

<sup>161</sup> SISTER, 1997, p. 205.

<sup>162</sup> CUNHA, 1997, p. 240 *et. seq.*

A Copa de 70 foi um tema muito controverso. Alguns acreditavam que torcer pelo Brasil era parte da "luta", outros achavam que a copa favorecia o governo militar, por mascarar os problemas sociais e políticos.

- "O tema Copa do Mundo e seleção brasileira deixara de ser coisa do esporte para se tornar jogo da política."<sup>163</sup>
- "Torcer contra ou a favor havia sido tirado de letra pelo bom humor do Marco Antonio Moro ('Marquinho'): 'Eu acho que devia torcer contra, porque se ganhar vai ter uma baita festa e nós vamos estar fora dela!'"<sup>164</sup> [Sobre a Copa de 70].

O dia de visitas (primeiramente estabelecido s quartas-feiras, depois passou para os sábados) era um acontecimento que trazia tanto alegria quanto tristeza.

- "Esta história é a minha síntese de tantas daquelas quartas-feiras, ainda hoje de qualidade indefinível – se deveríamos amá-las ou odiá-las."<sup>165</sup>
- "A quarta-feira, o dia da visita, era o mais esperado, mas, no fim, o mais melancólico."<sup>166</sup>
- "As visitas – apenas para parentes consaguíneos e de primeiro grau e autorizadas com antecedência pelo juiz militar – tinham inicialmente lugar às quartas-feiras, sendo transferidas depois para os sábados. Aconteciam separada e concomitantemente nos pátios feminino e masculino."<sup>167</sup>
- "Mas o sábado era o dia mais animado e ansiado – era o dia de visitas. Era dia de notícias dos parentes, dos companheiros, dos advogados, dos processos."<sup>168</sup>
- "Amiga, (...) Você vai gostar de me ver em dia de visita. Para nós esse é um acontecimento. Acordamos cedo e começamos a nos empetecar (...) Mas nem tudo é futilidade. Também nos bronzeamos, jogamos vôlei e fazemos tricô. Brincadeira! Tenho lido muito e tentamos acompanhar as coisas do mundão louco. Às vezes, não entendemos nada, mas continuamos nos esforçando."<sup>169</sup>
- "A visita era o principal contato com o mundão. Era dia de mantimentos, comida pronta das famílias, cigarros, cartas, presentes e, principalmente, notícias."<sup>170</sup>

---

<sup>163</sup> CITELLI, 1997, p. 200.

<sup>164</sup> CUNHA, 1997, p. 239.

<sup>165</sup> ALESSI FILHO, 1997, p. 165.

<sup>166</sup> GOMES, 1997, p. 178.

<sup>167</sup> SIPAHI, R. Em nome da rosa. *In*: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 186.

<sup>168</sup> MIRANDA, 1997, p. 284.

<sup>169</sup> MAFRA, M. O mundinho, o mundão e seus (des)encontros. *In*: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 323.

<sup>170</sup> KAIANO, R. Estação Tiradentes. *In*: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 340.

O momento de despedida do presídio era também um acontecimento cheio de felicidade, mas marcado pela dura realidade e provocava tristeza.

- "Aos poucos, a minha atenção voltou-se para os chamados dos companheiros pendurados nas janelas das celas que davam vista para a saída. O sentimento e o da impotência. Olham-se olhos. Veem-se cansaço e esperança. Resta um estado de paralisia, de impossibilidade de fazer qualquer coisa que não seja retribuir sorrisos, recolher lembranças, forçar um estado de ânimo capaz de criar aquela expectativa de que 'amanhã será você, meu amigo.'"<sup>171</sup>
- "E como não ia mesmo sair da prisão nas mãos do povo, meus companheiros cantaram a 'Canção do adeus', que está chegando a hora, meu bem, um direito de todos na hora da partida."<sup>172</sup>
- "A saída de cada companheira era sempre marcada por muita alegria e tristeza. Os dois sentimentos se confundiam. (...) Passamos então a construir nossos ritos de entrada e de saída."<sup>173</sup>
- "Os dias mais felizes eram os da saída para a liberdade. Ficávamos apinhados na portinhola esperando o felizardo passar para as despedidas emocionadas enquanto se cantava a 'Internacional.'"<sup>174</sup>
- "Sai da prisão em outubro de 1973, sob o som da 'Internacional', cantada de forma tocante pelas amigas que ficaram."<sup>175</sup>

O sentido de identidade é intrínseco à memória coletiva, para que o indivíduo se lembre de fatos, tem que sentir pertencente a um grupo, pensar em comum, possuir sentimentos, ideias e valores que são compartilhados com os outros membros.

Para ilustrar esse sentimento de identidade, escolhemos a linguagem. Todo grupo tem uma linguagem diferenciada, com usos das mesmas expressões e gírias. Percebemos palavras que mostram que os depoentes pertenciam a um mesmo grupo geral, pessoas que se opunham ao governo militar: partidão, companheiros, utopia, revolução, racha, esquerda, "Internacional", militância, marxismo, desbundar. Outras palavras mostram que eles estavam presos, por serem expressões usadas em presídios:

---

<sup>171</sup> CITELLI, 1997, p. 203.

<sup>172</sup> SISTER, 1997, p. 212.

<sup>173</sup> LOBO, E. F. Os sinais, os gestos e os ritos. *In*: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 224.

<sup>174</sup> MIRANDA, 1997, p. 285.

<sup>175</sup> KOBASHI, N. Y. Pequenas estratégias de sobrevivência. *In*: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 313.

mocó, teresa, balinha, papagaio, torre, cela, pavilhão, penita, mundão, corró. E ainda as palavras que mostram que esse grupo enfrentava uma difícil realidade, de perseguição, repressão, tortura, desaparecimento e morte: terror, quedas, maquininha, pau-de-arara, aparelhão, coletivo, clandestinidade, autocrítica, exílio.

Há também uma lembrança individual que se refere aos fatos experimentados por um indivíduo sem que os demais tenham tomado conhecimento ou que, mesmo tendo acontecido no grupo, tal fato tenha mais relação com ele do que com os demais membros e é nesse sentido que ele se lembra mais ou menos. Assim, pensamentos, relatos, evocações que só aparecem em um único depoimento.

- "Nos fragmentos que ainda mantenho claros na memória, porém, estou quase sempre sozinha naquela cela."<sup>176</sup> [Estava no DEOPS].
- "Quando não estava jogando ou cantando, minha distração preferida era bater papo com o Ubaldino, ouvir suas estórias."<sup>177</sup>
- "Na hora do silêncio, à tarde, consegui finalmente combater a ansiedade e estudar muito e todos os dias. (...) Pude de fato me instruir melhor, adquirir um esquema para pensar e para julgar as coisas."<sup>178</sup>
- "Entre as tarefas coletivas, escolhia sempre as da água (cresci no meio do mar): lavagem de louça, de chão, do banheiro. Minha preferida era lavar lençóis."<sup>179</sup>
- "Em um agrupamento de quarenta pessoas circunstancialmente convivendo juntas todo o tempo, exceto as duas manhãs por semana para o 'banho de sol', a vida em comum contribuía significativamente para o enfrentamento das dificuldades – a ausência da liberdade não era única. Não que não houvesse espaço para a individualidade. As características individuais sempre se manifestavam sob todas as formas – evidentemente consideradas as limitações em que vivíamos."<sup>180</sup>
- "Meu mundinho individual."<sup>181</sup> [Seu "mocó"].
- "O X-8 foi meu reencontro com a literatura que abandonei aos 17 anos com o ativismo revolucionário."<sup>182</sup>
- "Foi no Tiradentes que comecei a entender a importância e a universalidade dos direitos humanos (que até então era coisa dos americanos contra o bloco socialista).

<sup>176</sup> MAIA, D. A morte, as donzelas e a Canção dos pescadores. In: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 98.

<sup>177</sup> ROIG, 1997, p. 124.

<sup>178</sup> SISTER, 1997, p. 208.

<sup>179</sup> FERRO, S. Auto-retrato a chicotadas. In: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 214.

<sup>180</sup> CUNHA, 1997, p. 244.

<sup>181</sup> MIRANDA, 1997, p. 282.

<sup>182</sup> *Ibid.*, p. 285.

Foi lá que comecei a compreender a democracia e me libertar das teses autoritárias e vanguardistas."<sup>183</sup>

Em relação à memória voluntária e a involuntária, a primeira seria a mais corriqueira, superficial e uniforme, ligada ao hábito. A segunda, instável e descontínua, é carregada de afetividade e é espontânea. Acreditamos que os depoimentos dos presos políticos, ou pelo menos uma grande parte deles, componham mais uma memória involuntária do que voluntária, pelo fato de estarem carregados de sentimentos.

- "Jamais, jamais, enquanto eu estiver viva, apagarei da memória essa bela lembrança, experiência tão difícil de transmitir. A emoção é muito mais forte. A imagem permanece com todas as suas cores. Nada esmaeceu."<sup>184</sup> [A respeito da despedida e homenagens pelas companheiras].
- "Um dia cinzento, frio, de muito vento. Um pátio vazio. Tudo isso perfeitamente integrado, uno, denso. Patio frio, vento, garoa compondo uma manhã no presídio Tiradentes, há muitos anos. Sendo precisa, há 26 anos."<sup>185</sup>
- "Mas a prisão – ao contrário da liberdade – é a negação dos desejos e das vontades. Então, ali, apenas desejei."<sup>186</sup>
- "No plano físico, material, externo, pouca coisa há para ser registrada, a não ser sob forma de *flashes*, de situações singulares, de acontecimentos esporádicos, descontínuos, vários deles carregados de dramaticidade."<sup>187</sup>
- "Me arranjei como pude, lendo, arrumando demais e, sobretudo, pintando, literalmente, como um condenado. Escoava ali ataques de raiva ou desabafo, inventava um jeito para contar e vigiar meu desconforto."<sup>188</sup>
- "Com certeza passaria horas falando da minha vivência no presídio Tiradentes. Afinal, três anos não são três dias, e com certeza, foram mais de três anos de expectativas, frustrações, alegrias, tristezas, trabalho (criação), labor, aprendizado. Foi um tempo revestido de tensões, incertezas e esperanças. (...) Mas quero registrar que ali naquele lugar aprendi que a vida não é só feita de sonhos. Ela é feita de realidades. Realidades duras como aço. E, no manejo deste aço, tentei tomar cuidado para não ser contaminada por sua insensibilidade. (...) Não conseguiram acabar com nossa vontade de viver, com a nossa alegria, com o nosso lado divertido e alegre de ver a vida."<sup>189</sup>

---

<sup>183</sup> MIRANDA, 1997, p. 289.

<sup>184</sup> MAIA, 1997, p. 107.

<sup>185</sup> SIPAHI, R, 1997, p. 182.

<sup>186</sup> *Ibid.*, p. 186.

<sup>187</sup> CITELLI, 1997, p. 197.

<sup>188</sup> FERRO, 1997, p. 215.

<sup>189</sup> DOS SANTOS, M A. O ofício da tolerância. In: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 279.

- "Avivando as lembranças – se é possível recordar as emoções, os sentimentos –, não me vem tristeza nem sofrimento. Mesmo com as derrotas, aquele punhado de idealistas guardava a generosa rebeldia, agora temperada pela reflexão da experiência passada."<sup>190</sup>

## 2.2 Memória, memória histórica e história

Estudamos um pouco sobre as relações entre memória e história. Quando comentamos sobre a seleção consciente ou inconsciente e as interpretações e distorções que possam vir a ocorrer, percebemos que alguns relatos mostram esse mesmo tipo de preocupação.

- "Nossa preocupação maior era que a memória de cada um, até pelos anos que já se passaram, não viesse a confundir ou distorcer os fatos, evitando-se cair no mesmo erro dos vários governos da ditadura e – pior ainda – dos que lhes sucederam. Porque a História acaba sempre por ser o registro dos vencedores, e quase nunca o registro dos vencedores é o mais fiel exemplo daquilo que aconteceu, em particular quando se questiona o poder através das armas."<sup>191</sup>
- "Em política não há ignorância. Há medo, alienação, covardia ou cumplicidade."<sup>192</sup>

Também observamos a concepção de história nos depoimentos.

- "O fato de participarmos intensamente das lutas naqueles anos não nos credencia como donos da verdade, longe disso. (...) A História segue e cada indivíduo vai fazendo suas escolhas dentro dela."<sup>193</sup>
- "Nas poucas vezes em que ando de metrô e passo pela estação Tiradentes, fico minhocando no fundo da minha memória que esse lugar tem a ver comigo, sim, e com os sonhos que povoaram a minha juventude. E tem a ver com um pedaço, marcante e dolorido da História desse país."<sup>194</sup>
- "O saber é o saber historicamente possível. É ingenuidade ou má fé pensar que era historicamente possível para aquela geração, para aquele conjunto de jovens revolucionários, ter o mesmo saber histórico que se tem hoje. (...) As pessoas pensavam, procuravam pensar e refletir a realidade em que viviam, umas mais, outras menos. E, sobretudo, tinham um profundo sentimento ético, em que o social e

---

<sup>190</sup> OLIVEIRA, 1997, p. 290.

<sup>191</sup> FREIRE; ALMADA; PONCE, *op. cit.* p. 23.

<sup>192</sup> *Ibid.*, p. 44.

<sup>193</sup> *Ibid.*, p. 32.

<sup>194</sup> KAIANO, 1997, p. 341.

o coletivo eram predominantes. Dizer que a individualidade se anula diante do pensar coletivo era e continua sendo uma falsa questão."<sup>195</sup>

Estudamos que a memória pessoal se apoia no passado vivido, afinal toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas se atualiza com dados do presente. Em vários depoimentos percebemos em que período eles se encontram.

- "O golpe, com muita cruzeza, fez pensar que o caminho rumo a um socialismo democrático seria mais árduo. (...) Maquina sectária que excluía brasileiros do Brasil: pela subtração dos direitos, pela segregação social, pela prisão política, pelo exílio forçado ou induzido. Essas coisas precisam ser lembradas."<sup>196</sup>
- "No segundo semestre de 1970, os processos dos presos políticos começaram a seguir seu curso no Tribunal Militar e toda semana vários companheiros eram encaminhados para audiência. A farsa estava montada e a legislação de exceção dava legalidade a todos os atos de arbítrio praticados pelo sistema judiciário da ditadura."<sup>197</sup>
- "A missa celebrada em memória a Alexandre, em meados do primeiro semestre de 1973, tornar-se-ia um dos marcos da reação de vários setores populares à perpetuação da ditadura no Brasil. As prisões já não estavam tão cheias. A ditadura, entretanto, continuava mantado!"<sup>198</sup>
- "A greve de fome era um instrumento de luta que ajudaria a manter em evidência e a denunciar as condições carcerárias dos presos políticos. Era um fato importante, sobretudo porque o governo militar afirmava que no Brasil não existiam prisioneiros políticos. Pela primeira vez, uma greve de um religioso mantinha os holofotes em cima da repressão. (...) A greve era minha forma de luta para ajudar a causa dos presos políticos, um protesto contra o general Médici, que afirmava perante a opinião pública que no Brasil não existiam presos políticos. Eu então me perguntava, retoricamente, o que eu era."<sup>199</sup>
- "Fiquei presa no presídio Tiradentes na última fase de sua existência – entre meados do ano de 1972 até a sua demolição e a construção da estação Tiradentes do metrô. O início da construção da linha norte-sul e uma imagem forte que guardo dos anos 70. (...) Nessa época, a ditadura parecia ir de vento em popa. Após a vitória do Brasil na Copa do Mundo, a imagem do país era de euforia."<sup>200</sup>
- "São passados quase 25 anos da minha 'saída do presídio Tiradentes' rumo ao Hipódromo, o segundo dos presídios pelos quais passei durante os três anos em que estive presa, por pertencer ao Partido Operário Comunista – POC –, uma das

<sup>195</sup> FREIRE; ALMADA; PONCE, *op. cit.* p. 29.

<sup>196</sup> GOMES, 1997, p. 175.

<sup>197</sup> SIPAHL, A, 1997, p. 236.

<sup>198</sup> CALLEGARI, G. Holofotes sobre a repressão. *In:* FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 245.

<sup>199</sup> *Ibid.*, p. 248 *et. seq.*

<sup>200</sup> KAIANO, 1997, p. 336.

organizações clandestinas de resistência a ditadura militar instaurada no Brasil com o golpe de 1964."<sup>201</sup>

Vimos que o indivíduo participa de vários grupos e por isso são várias as memórias coletivas, mas existe apenas uma história. Esta se coloca acima dos grupos e fora deles, os examina por fora e abrange uma duração bastante longa. Já a memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo; é o grupo visto de dentro, e durante um período que não ultrapassa a duração média da vida humana. É esse grupo visto de dentro que observamos nos depoimentos.

- "Isso nos tomava quase todo o tempo, tendo como resultado não permitir que ficássemos remoendo a dura realidade da cadeia e, mais ainda, a lá de fora, com organizações sendo desmateladas e os companheiros caindo e sendo mortos."<sup>202</sup> [Sobre a limpeza e a preparação da comida].

Se a história reduz os acontecimentos, a memória evidencia o preenchimento do tempo que decorre. As atividades rotineiras e o cotidiano são momentos considerados importantes e, como tal, fazem parte da lembrança.

- "Mas que bom, para os que dormiram e para os que não dormiram aquela noite, chegou o domingo, o dia de limpeza e do futebol na cela 5."<sup>203</sup>
- "Diferentes formas de se tomar conta dos desgastes: algumas liam ou escreviam sem parar, outras faziam crochê ou tricô avidamente."<sup>204</sup>
- "Agora, que o leitor não espere encontrar aqui grandes aventuras ou grandes histórias. O que tenho na lembrança são apenas algumas pequenas vivências do dia-a-dia, mas que foram essenciais."<sup>205</sup>
- "A produção semanal de artesanato nos obrigava a uma rígida disciplina que estimulava nossa criatividade."<sup>206</sup>

---

<sup>201</sup> OLIVEIRA, 1997, p. 292.

<sup>202</sup> TAPAJÓS, 1997, p. 351.

<sup>203</sup> PRADO JÚNIOR, A. P. A massa quer sangue, então terá... In: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 132.

<sup>204</sup> SIPAHI, R, 1997, p. 182

<sup>205</sup> SISTER, 1997, p. 205.

<sup>206</sup> LOBO, 1997, p. 219.



- "E foi assim que, com poucos recursos materiais de que dispúnhamos, decidimos produzir um espetáculo teatral. Solicitamos as companheiras de cada uma das celas que escolhessem textos – poesia ou prosa – que gostariam de dizer."<sup>207</sup>
- "Ainda continuávamos a salutar pratica de jogar futebol (três contra três) aos domingos (...) Tanto quanto uma atividade ludica, era uma forma de extravasarmos as tensões existentes naquela situação. A estruturação do coletivo implicava também, a eleição direta de uma coordenação da cela, que era responsável pela relação com as demais."<sup>208</sup>
- "Um dos aspectos importantes da vida da cela foi o início da confecção de trabalhos manuais. (...) A ideia inicial era arrecadar dinheiro com a venda e ajudar aquelas famílias que passavam necessidades financeiras."<sup>209</sup>
- "Assunto para o coletivo, sem dúvidas, que, à falta de questões cruciais da revolução brasileira, vez ou outra era obrigado a discutir o lodo do isopor de verduras, a sujeira da cozinha, a roupa que apodrecia de molho nos baldes."<sup>210</sup>

### 2.3 Memória e esquecimento; manipulação e poder

Os grupos sociais tentam exercer influências sobre seus membros, numa luta pela promoção e sobrevivência. Às vezes, os indivíduos não percebem quando cedem sem resistência, e permitem as influências de fora. E quanto mais estas forem complexas, menos perceberão.

- "Vozes que foram silenciadas na época e que continuaram sem poder se expressar com o passar dos anos, pois o silêncio causado pela proposital ignorância dos fatos, por vezes, é bem mais violento que o silêncio imposto pelas armas."<sup>211</sup>
- "Esta pequena viagem pela década de 70 no Brasil é, sem dúvida, uma forma de resgatar um período de nossa história que muitos teimam em esquecer."<sup>212</sup>

A memória autoriza as manipulações, sejam elas conscientes ou inconscientes, ao obedecer aos interesses individuais ou coletivos. Ela tenta exercer controle do passado e, por isso, torna poderosos aqueles que a gerem e a controlam; quem detêm o

---

<sup>207</sup> LOBO, 1997, p. 222.

<sup>208</sup> CUNHA, 1997, p. 239.

<sup>209</sup> *Ibid.*, p. 242.

<sup>210</sup> DA COSTA, R. B. A cozinha enquanto peça de resistência. In: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 318.

<sup>211</sup> FREIRE; ALMADA; PONCE, *op. cit.* p. 25.

<sup>212</sup> COIMBRA, 1997, p. 423.

poder sobre a memória e o esquecimento são os que decidem sobre o que é importante ou digno de memória. As instituições sociais fazem diferentes usos da memória coletiva e a utilizam como instrumento e objeto de poder. Nesse sentido, temos a própria ditadura que não queria que se soubesse o que acontecia no país, o próprio governo tinha interesse que essas memórias não permanecessem, se apagassem.

- "Aprendi a ler os jornais pelas intrelinhas – mesmo quando vinham multilados pela censura do presídio. (...) O que interessava eram as notas e informações que sinalizavam o humor da ditadura e suas lutas internas. (...) A TV era ainda mais filtrada."<sup>213</sup>

Em relação ao esquecimento, ou amnésia social, ele pode ser forjado para a manutenção da coesão social, ou censura: forçar através da propaganda o esquecimento de fatos importantes.

- "A prática da anti-história é muito comum por parte daqueles que, mal vencedores, arrogam-se papéis de senhores exclusivos na interpretação dos acontecimentos."<sup>214</sup>
- "Assisti aos jogos da copa e torci, como quase todos, pela seleção brasileira, apesar de sabermos que o Médici era o maior interessado na conquista do título, para desviar a atenção do povo e criar um movimento ufanista, do tipo 'Brasil: ame-o, ou deixe-o!'"<sup>215</sup>
- "Era o tempo do 'Ame-o ou deixe-o' (...). Tudo em função de tentar fazer esquecer o que estava acontecendo nas masmorras do Brasil real."<sup>216</sup> [Sobre a Copa de 70].

Porém, temos que evitar a supervalorização da memória e a interdição do esquecimento. Desde que esse esquecimento não seja forçado ou forjado. Memória e o esquecimento devem estar em equilíbrio.

- "Esses fatos esparsos, descritos sem ordem cronológica, indicam apenas a tentativa de se recuperar na memória do tempo alguns acontecimentos que me pareceram importantes em uma fase de minha história. Foram tempos que marcaram a minha vida e a de tantos outros companheiros e nos transformaram, seja no aspecto

---

<sup>213</sup> SISTER, 1997, p. 207-208.

<sup>214</sup> FREIRE; ALMADA; PONCE, *op. cit.* p. 25.

<sup>215</sup> PITOLLI, 1997, p. 114.

<sup>216</sup> ROMANO, 1997, p. 251.

humano, na postura política, na luta contra a intolerância, na persistência da busca do socialismo, na oposição ferrenha a tortura e na defesa dos direitos humanos. Desejei, sinceramente, dar o meu testemunho sobre a solidariedade, a determinação e o despojamento de uma geração de jovens que sacrificaram os melhores anos de suas vidas na luta contra a opressão. Apenas isso, sem qualquer sentimento apologético ou ingenuamente glorificador."<sup>217</sup>

- "Após essa breve divagação, faço um esforço para escarafunchar a memória na tentativa de recuperar os pedaços que dizem respeito a minha passagem pelo Tiradentes. Sinto um tipo de ansiedade misturado com angústia, um sentimento que não sei descrever bem. É como se estivesse durante um portão grosso e enorme que não tenho vontade de escancarar. Ou um poço profundo e escuro que também não quero espiar. É como um medo de vertigem... de esbarrar em coisas que amedrontam e entristecem. São imagens que associo aos meus sonhos recorrentes de me ver perdida no labirinto, na beira de um precipício, de saltos no escuro, de estar num carro desgovernado. Como por cautela, é como se eu não ousasse escancarar o portão, mas apenas espiar pela fresta e registrar algumas imagens, instantes, como *flashes* de fotografia, trechos de histórias recortadas em pedaços de jornal picado. Dou uma peneirada nas coisas que me vem das vivências (...)." <sup>218</sup>

Os relatos sofrem influências sociais de acordo com a época em que são produzidos. Nesse sentido, como os autores estão escrevendo em média 25 anos após as prisões, o efeito que causa o lembrar, o sentimento de pertencer àquele grupo ou não, tudo aparece nos depoimentos.

- "Evidentemente, a situação era muito penosa, mesmo vista através da serenidade com que os ex-detentos, atualmente maduros, filtram as suas lembranças de vinte e tantos anos."<sup>219</sup>
- "Como nos disse Benjamin, a narrativa das experiências assume um lugar historicamente importante se, através dela, conseguimos articular o passado não só para conhecê-lo, mas para apropriarmos-nos de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Assim, a experiência, enquanto um caminho para despertar as centelhas da esperança e da utopia, é privilégio daqueles que estão convencidos de que revisitar o passado com olhos dialéticos desconstrói certezas conceituais e reconstrói práticas de liberdade que incorporam a multiplicidade de sujeitos na dimensão de classe, raça, gênero, geração para pensar as práticas sociais e políticas de hoje. Lembrar as experiências vividas no passado assume um significado de liberdade quando inserimos nosso pensamento no exercício das construções cotidianas nas múltiplas relações que envolvem homens e mulheres. Assim é que o passado vivido deixa de ser passado para se tornar parte integrante de cada um de nós. Lembrar para não esquecer, para transformar as práticas sociais e

<sup>217</sup> SIPAHI, A, 1997, p. 236-237.

<sup>218</sup> KAIANO, 1997, p. 336.

<sup>219</sup> CANDIDO, 1997, p. 14.

políticas em ações que levem a uma sociedade mais justa, humana, solidária, prazerosa e com equidade de gênero."<sup>220</sup>

- "Reescrevo minha memória, pela segunda vez em um prazo de seis meses, para escrever sobre essa experiência debruçada sobre um outro olhar: o de feminista que busca na perspectiva relacional rever cotidianamente o passado e as pessoas que dele fizeram parte. (...) Neste agora, busco resgatar os afetos construídos naquele período."<sup>221</sup>
- "Após tantos anos, as lembranças se embaralham – dou-me conta, repentinamente, de que são fatos que aconteceram há 25 anos! Por outro lado, quando revirmos nossos baús, às vezes encontramos coisas que não nos agradam e que preferíamos ter esquecido. De tudo isso, resultam fragmentos, retalhos que precisam ser costurados para adquirir algum sentido. A última barreira é o pudor, que precisa ser superado quando se trata de tornar públicas as lembranças pessoais."<sup>222</sup>

Temos que lembrar que o esquecimento não significa somente manipulação.

Pode significar que se perdeu contato com o grupo: se este for estranho ao indivíduo, as lembranças tendem a se enfraquecer ou até mesmo serem esquecidas. Reparamos em alguns depoimentos.

- "Mergulho no passado para evocar memórias do tempo que passei recluso no presídio Tiradentes (...). Passaram-se, desde então, 26 anos e minha memória guarda apenas vestígios daquela dura experiência. Não obstante, certas lembranças permaneceram nítidas, embora, a guisa de advertência, elas não se articulem necessariamente umas com as outras nem guardem relação cronológica. (...) Voltando ao Tiradentes, não me recordo dos trâmites burocráticos na carceragem, no momento da nossa recepção, talvez porque nada de excepcional tenha ali ocorrido."<sup>223</sup> [Este conviveu em meio a presos comuns].
- "Uma lembrança permanece muito nítida. (...) Lembro-me que fiquei muito abalado com esse fato, pois, na verdade, ainda estava atordoado, sem entender a razão pela qual estava preso, sem muita ou nenhuma convicção sobre, por exemplo, se devia ou não dar a vida pela causa."<sup>224</sup>
- "Aquelas horas da tarde de domingo eram as únicas que eu não me sentia preso, porque sentar em volta de uma mesa e jogar era uma coisa que poderia acontecer em qualquer outro lugar (...) E a vida continuou, na sua monotonia pavorosa."<sup>225</sup> [Esse foi o menor depoimento com o menor número de lembranças comuns].

---

<sup>220</sup> OLIVEIRA, 1997, p. 292.

<sup>221</sup> *Ibid.*, loc. cit.

<sup>222</sup> KOBASHI, 1997, p. 310.

<sup>223</sup> MACHADO, J. Teses em cheque: começa a revisão. In: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 119.

<sup>224</sup> *Ibid.*, p. 120.

<sup>225</sup> PRADO JÚNIOR, 1997, p. 133-134.

Nesse mesmo sentido, o indivíduo pode ter dificuldade em lembrar ou não queira mais se lembrar porque não se sente mais pertencente ao grupo. Será que podemos especular que um dos motivos pelos quais alguns não quiseram dar depoimento (além dos motivos alegados) ou até dos que se recusaram a escrever, seria por não se sentirem mais pertencentes àquele grupo, daquele passado? Logo suas memórias não seriam tão fáceis de serem resgatadas, e o exercício do depoimento seria quase impossível.

Porém, nem todo indivíduo esquece fatos porque deixou de participar do grupo, também temos que considerar que há um esforço humano para esquecer o que é triste, o que traz dor e sofrimento. Examinamos nos depoimentos esta dificuldade: o que se quer lembrar e o que se quer esquecer?

- "As lágrimas vieram, o choro era um não-sei-que de felicidade, de dor, de amor, de despedida, de tudo e de nada, de branco, de perda de memória por bloqueio – mas só daqueles lances que a gente sempre quis esquecer."<sup>226</sup>
- "Meditando sobre essas passagens, hoje, vejo alguns elementos dolorosos, permanentes na cultura brasileira. Radicalismo juvenil unido à atitude heróica, mas sem prudência de alguns. (...) E do ponto de vista psicológico, inexistia treino anterior ou experiência. A jovem esquerda armada foi vencida pela capacidade de repressão, demonstrada pelos torturadores, e pela imprudência, para dizer o mínimo das 'direções'. Por falta de conhecimento antropológicos e sociais, foram cometidos erros graves na cidade e no campo."<sup>227</sup>
- "Revendo meus sentimentos, que fazem parte da minha temporalidade passada, presente e futura –, localizo como sendo o medo da fragilidade das informações que chegavam até o Tiradentes sobre o comportamento daqueles que estavam na Oban."<sup>228</sup>
- "Após 25 anos é até desculpável que as lembranças se misturem, fiquem ofuscadas, confundidas com histórias ouvidas, pensamentos, sonhos e até divagações. Difícil é pinçar o Tiradentes de tudo que vivenciei nas prisões. Há também o bloqueio. Uma barreira que construí para me defender e poder me reintegrar a vida, deslocar minhas energias para as coisas do mundo atual. Percebo em mim uma ambiguidade entre resgatar a história daqueles tempos e vontade íntima de empurrar essa parte dolorosa de minha vida para o fundo do baú. Sei que não já como apagar essas

---

<sup>226</sup> PITOLLI, 1997, p. 117.

<sup>227</sup> ROMANO, 1997, p. 259.

<sup>228</sup> OLIVEIRA, 1997, p. 294.

vivências – as boas e as más. São partes integrantes de mim mesma. Lido com elas como posso."<sup>229</sup>

- "A vida nas celas comunitárias possibilitava trocas de solidariedade, informações, conhecimento, ideias políticas, o que reforçava a identidade grupal, subvertendo as normas disciplinares impostas pelo poder institucional."<sup>230</sup>

Alguns dos testemunhos fazem questão de valorizar as lembranças mais alegres, e até comentar sobre os momentos de bom humor.

- "Então percebo que nas lembranças que guardo dali predominam coisas boas, alegres. Divertidas até. A angústia que sinto por tantas coisas tristes e terríveis que vi e vivi nos vários presídios não esta associada ao Tiradentes. Como explica isso? Não explico, apenas registro. Um pouco tem a ver com o fato de que, na trajetória obrigatória da prisão política, chegar ao Tiradentes significava um alívio, quase uma vitória por ter sobrevivido às torturas, ao desaparecimento, à morte."<sup>231</sup>
- "Para o tempo de angústia branca, insistente e sem forma, havia recursos contrários, anestésicos por chatice. Rodrigo Lefèvre inventou uma batalha naval móvel, os barcos tomando posição só no correr do jogo – assim infinito. Criou também torneios de burcão tão complicados que não me lembro de terem tido fim. (...) O absurdo também servia: passávamos horas procurando o que não pintar, o que suprimir, o não-fazer como ocupação."<sup>232</sup>
- "Pouco depois, no chuveiro, levou um violento choque 220. Foi jogado conta a parede, mas resistiu bem: treino de Oban."<sup>233</sup>
- "Revisitar a memória para falar do presídio Tiradentes não é fácil. O presídio evoca sentimentos ambivalentes. De um lado, aqueles relacionados à dor causada pelo confinamento – prisão costuma rimar com dor. De outro, gestos de generosidade, de solidariedade, de afeto, de alegria. Das lembranças guardadas, são estas as últimas as mais significativas e permanentes para mim."<sup>234</sup>

## 2.4 Memória coletiva, tempo e espaço

O quadro temporal nos ajuda a lembrar de um acontecimento e percebemos o passar do tempo nos depoimentos. A própria presença da palavra "tempo" é

---

<sup>229</sup> KAIANO, 1997, p. 341.

<sup>230</sup> PIETROCOLLA, 1997, p. 453.

<sup>231</sup> KAIANO, 1997, p. 336-337.

<sup>232</sup> FERRO, 1997, p. 217.

<sup>233</sup> *Ibid.*, p. 216.

<sup>234</sup> KOBASHI, 1997, p. 310.

interessante, pois o modo como é mencionada tem a ver com a importância do momento vivenciado pelo grupo.

- "Talvez mesmo por essa solidão e pelo distanciamento dos anos, eu não consigo precisar exata ou aproximadamente a passagem do tempo. Pequenos momentos podiam me parecer eternidades e algumas semanas ou meses, de repente, se esfumavam. Acredito que também meu estado de debilitação física e a constante mudança de local de prisão ajudaram a embaralhar o tempo em minha memória. Mas esquecer eu nunca quis. E não quero."<sup>235</sup>
- "Naquele período, fevereiro de 1970, a população carcerária estava no pico e chegava a mais de uma centena de presos políticos apenas no pavilhão I. O ambiente era de muita firmeza e o moral estava em alta. Reencontrei cerca de vinte companheiros conhecidos, alguns de antes de 1964 e outros da luta política mais recente."<sup>236</sup>
- "Como passa o tempo? Passa rápido caso os fatos sejam acelerados em sua sucessão. (...) Atrás das grades o tempo ganha outra dimensão e se arrasta por longas noites e dias. Resta-nos apreender certos acontecimentos, tentando dar a eles extensão máxima, retirando de cada fato dimensões que permitam indagar e refletir acerca de faces que passariam despercebidas no 'mundo de fora.'<sup>237</sup>
- "Com certeza passaria horas falando da minha vivência no presídio Tiradentes. Afinal, três anos não são três dias, e com certeza, foram mais de três anos de expectativas, frustrações, alegrias, tristezas, trabalho (criação), labor, aprendizado. Foi um tempo revestido de tensões, incertezas e esperanças."<sup>238</sup>
- "Quando se tem tempo, o negócio é deixar tudo pra depois (...) O Millôr diz que quem mata tempo não é assassino, é suicida. Na situação dele eu concordo, mas o caso aqui é outro: como usar o tempo de um futuro indefinido, no qual o cotidiano não mudará? (...) Tenho uma companheira aqui do lado que fica falando o tempo todo que não quer nem pensar, porque cansa e, além disso, não adianta nada."<sup>239</sup>

Não são os acontecimentos, mas suas repercussões, que penetram na memória.

Podemos perceber claramente que os depoentes relatam como a ditadura, a repressão, a tortura e a prisão repercutiram em suas vidas.

- "A repressão à esquerda verificada nos anos 60/70 acabou com as organizações existentes a época e dizimou uma parte considerável da nossa geração, mas, se algum consolo é possível, permitiu o surgimento de um grupo unido por laços de

---

<sup>235</sup> MAIA, 1997, p. 102.

<sup>236</sup> SIPAHL, A, 1997, p. 231.

<sup>237</sup> *Ibid.*, p. 233.

<sup>238</sup> DOS SANTOS, 1997, p. 279.

<sup>239</sup> MAFRA, 1997, p. 326.

solidariedade inquebrantável, com uma dimensão humana extraordinária, em grande parte graças ao presídio Tiradentes."<sup>240</sup>

- "Só ia para o Tiradentes quem tinha prisão preventiva decretada pela justiça militar. Passava-se a existir novamente, ter um papel, um documento, e principalmente, sair das mãos da Oban – ou DOI-CODI – e do DEOPS."<sup>241</sup>
- "Levar e trazer informações envolvia principalmente para os de fora. Num tempo em que a violência e o arbítrio eram institucionalizados, introduzir documentos clandestinos, levar relatórios para as entidades de direitos humanos das atrocidades era realmente perigoso."<sup>242</sup>
- "Havia sempre o 'por baixo dos panos'. A Torre se movia por debaixo dos panos, nas fissuras e contradições do sistema carcerário, como se dizia a época."<sup>243</sup>
- "Mas, não era raro que acontecimentos, da própria cadeia ou externos, rompessem o equilíbrio e nos obrigassem a encarar a realidade."<sup>244</sup> [Sobre a notícia no rádio sobre a morte de uma companheira].

O indivíduo participa de vários grupos, compartilha vários pensamentos sociais, e portanto, de vários tempos coletivos, de acordo com cada grupo a que pertence. Seu pensamento vai de acordo com o seu grau de participação. Podemos reparar nos depoimentos, que os indivíduos vinham de diversos grupos, mas, com o confinamento, formaram um agrupamento maior, e só o fizeram os que conseguiram ultrapassar suas diferenças.

- "Com a minha insônia, era natural que me transformasse no homem do café da manhã. Bem cedo, eu fazia o café e recebia os pães trazidos por dois presos comuns, que os distribuíam pelas várias celas. Os pães e o leite. Oferecia sempre a esses dois presos um pouco de café frequinho, a eles e aos que serviam no andar de baixo. Esse relacionamento se transformou em solidariedade."<sup>245</sup>
- "Nesses dias, pude perceber o esforço que cada um de nós ali tinha que fazer para transformar a convivência forçada num fardo leve de carregar. (...) Duas personalidades, dois estilos, duas maneiras – entre tantas – de enfrentar a prisão."<sup>246</sup>
- "Formávamos um grupo com aquele tipo de amizade e solidariedade que só nasce em circunstâncias excepcionais."<sup>247</sup>

---

<sup>240</sup> ROIG, 1997, p. 130.

<sup>241</sup> NOGUEIRA, 1997, p. 146.

<sup>242</sup> MIRANDA, 1997, p. 282-283.

<sup>243</sup> DA COSTA, 1997, p. 315.

<sup>244</sup> TAPAJÓS, 1997, p. 352.

<sup>245</sup> FREIRE; ALMADA; PONCE, *op. cit.* p. 21.

<sup>246</sup> *Ibid.*, p. 24.



- "Nunca tantas pessoas tão diferentes e ao mesmo tempo com tantas afinidades conviveram durante tanto tempo tão intensamente."<sup>248</sup>
- "Com todos eles estabeleci relações que valem por uma vida. A vida no presídio envolvia cumplicidade e cooperação. Apesar das conhecidas divisões da esquerda, éramos, antes de mais nada, um coletivo unido."<sup>249</sup>
- "Os dois anos foram de um companheirismo tão intenso que o tempo pouco deu pra realizarmos todos os projetos que tínhamos em mente... e os momentos mais duros para todas foram os das partidas. Uma experiência que nos marcou com muita intensidade foi a unidade na diversidade. Vínhamos de origens diferentes, de organizações diferentes, mas conseguíamos que o coletivo fosse o condutor de nossas lutas num clima de esperança e num espírito de fraternidade solidária. (...) O trabalho manual era obrigatório. (...) As decisões eram tomadas por consenso."<sup>250</sup>
- "Já havíamos aprendido, com a experiência histórica dos presos políticos, a importância de mantermos um mínimo de organização para sobrevivermos."<sup>251</sup>
- "O aprendizado com os antigos militantes não se manifestara apenas nas organizações dos coletivos. Minha recordação de um deles remete a um conselho singelo: 'Meu filho, jamais se esqueça das suas histórias declaradas sob tortura.'<sup>252</sup>
- "Na minha opinião, as diferenças ideológicas, a visão particular de mundo de cada um não poderiam ter primazia sobre a situação que era única: éramos todos prisioneiros de um inimigo comum, que era a ditadura militar (...)."<sup>253</sup>
- "Aos poucos fui, verdadeiramente, encontrando meu lugar afetivo no grande coletivo de mulheres que por muito tempo fizeram parte do nosso 'mundinho' na Torre. (...) Foi a vivência com as mulheres na Torre que marcou definitivamente em mim o valor da solidariedade humana nas relações (...)."<sup>254</sup>
- "Os presos comuns começaram a ver os presos políticos como aliados e nos percebemos que tínhamos alguma capacidade de pressão."<sup>255</sup>

Mas para alguns, as diferenças ideológicas foram um impedimento à coesão do grupo, tanto naquele momento, quanto depois, com o passar dos anos.

- "A convivência com esse grupo dentro da cela foi se tornando bastante difícil. Sua situação política era pesada."<sup>256</sup>

---

<sup>247</sup> GONÇALVES F. L. S. A correção é o ópio dos intelectuales. *In*: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 92.

<sup>248</sup> ROIG, 1997, p. 128.

<sup>249</sup> GOMES, 1997, p. 177.

<sup>250</sup> LOBO, 1997, p. 226.

<sup>251</sup> CUNHA, 1997, p. 240.

<sup>252</sup> *Ibid.*, p. 242.

<sup>253</sup> DOS SANTOS, 1997, p. 277.

<sup>254</sup> OLIVEIRA, 1997, p. 294.

<sup>255</sup> TAPAJÓS, 1997, p. 347.

<sup>256</sup> AZEVEDO, R. O plantão do Napolitano. *In*: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 85.

- "Tínhamos um projeto e, portanto, um horizonte. Alguns de nós continuam a tê-los até hoje. Mas o processo, os valores afirmados coletivamente foram se descaracterizando, assumindo feições distorcidas."<sup>257</sup>

O espaço remete a uma lembrança, é sobre ele que a memória coletiva se desenvolve. Além da influência do grupo, o indivíduo sofre influência do espaço. Grupos e espaço estão conectados. Percebemos as reflexões nos depoimentos que nos mostram a percepção do espaço

O presídio como um todo, e os dois pavilhões.

- "O alívio que senti ao me ver rodeado de gente – e, mais ainda, de alguns amigos e companheiros – justificou o fato de, mais tarde, chamarmos o presídio de 'Hotel Tiradentes.'<sup>258</sup>
- "Pretendíamos refletir coletivamente sobre a melhor maneira de convivermos de forma cooperativa e solidária, respeitando as diferenças políticas e ideológicas porventura, existentes, mas fortalecendo a nossa capacidade comum de resistir às tentativas que a ditadura continuaria a fazer de nos desmoralizar, dividir e quebrar."<sup>259</sup>
- "O ônibus parou diante de um arco tapado por um enorme portão de ferro que fazia muito barulho para se abrir, e estacionou no primeiro pátio. Descemos em fila. Chegávamos ao presídio Tiradentes. Eram dois prédios, um cinza e um amarelo, um mais novo e o outro muito velho, ambos cheios de janelas gradeadas."<sup>260</sup>
- "Quando nós chegamos ao Tiradentes existiam 140 presos políticos no pavilhão I e muitos outros no pavilhão II e na Torre, como era chamada a área destinada a nossas companheiras. Essa população variava de tempos em tempos, chegando quase a dobrar no final de 1970."<sup>261</sup>

As celas e o espaço masculino

- "Eu cheguei falando coisas desconexas e muito debilitado. Mas a recuperação foi rápida graças principalmente aos companheiros da cela 2. O que viria a ser minha 'casa' durante oito meses era uma das maiores celas, com espaço para oito beliches."<sup>262</sup>

---

<sup>257</sup> SIPAHI, R, 1997, p. 189.

<sup>258</sup> MACHADO, 1997, p. 67.

<sup>259</sup> GONÇALVES, 1997, p. 93.

<sup>260</sup> RANGEL, 1997, p. 154.

<sup>261</sup> *Ibid.*, p. 158.

<sup>262</sup> MACHADO, *op. cit.* p. 67.

- "Começamos a ouvir das janelas em frente os gritos de boas-vindas de velhos conhecidos que sabiam que estávamos por chegar, e logo nos acolheram nas celas que eram um pouco territórios livres (...)." <sup>263</sup> [Sobre a recepção dos companheiros].
- "A partida de algum companheiro (chamavam 'liberação', como se fora fôssemos livres) provocava um rodízio geral na cela – uma maneira como qualquer outra de distrair o constrangimento da emoção. Seu 'mocó' teria outro ocupante; o abandonado também – e assim por diante. Minúsculos ganhos, que atenuavam a falta de tudo. Após os transbordos, sobrava o de maior desconforto. Chegado ao Tiradentes, ganhei o 'mocó' mais desprestigiado." <sup>264</sup>
- "Eu queria ir para o [pavilhãoI], do pessoal mais quente, aquilo que parecia ser a elite revolucionária recolhida." <sup>265</sup>
- "Pedi pra ficar no X-8 (cela 8) do pavilhão II (...). Eu queria ficar junto de Ceici, Jurandir e Manoel para conspirar. Saber de tudo o que se passava." <sup>266</sup>

#### A "Torre" e o espaço feminino.

- "As mulheres ficavam num pavilhão chamado 'Torre'. Atrás do pavilhão II." <sup>267</sup>
- "A luz era fraca e naquela torre de escadaria imponente que se abria em duas nem se viam as argolas chumbadas na parede. Diziam que ali era um lugar histórico e terrível, onde, no século pasado, ficavam os escravos acorrentados para ir a leilão." <sup>268</sup>
- "O local que habitávamos no presídio Tiradentes era uma velha torre circular, de paredes maciças, rodeadas de guaritas, isoladas do resto do presídio pelo pátio feminino, e tendo como única entrada uma porta de ferro." <sup>269</sup>
- "Acabo de chegar a Torre. (...) Já encontrei a Torre arrumada e a rotina organizada pelas outras meninas (...) O coletivo daqui (é assim que chamamos as decisões conjuntas) organizou um sistema de duplas para a cozinha." <sup>270</sup>
- "O Tiradentes era incomparavelmente melhor do que o Hipódromo ou a Penitenciária Feminina. (...) Na ala das presas políticas, um anexo em forma de torre, as celas permaneciam abertas. Assim, podíamos circular livremente durante o dia, longos, dias, que tentávamos preencher com atividades previsíveis: leitura, truco, croche, xadrez, ginástica e televisão. E muita conversa. Algumas pessoas conseguiam até estudar." <sup>271</sup>

---

<sup>263</sup> GOMES, 1997, p. 177.

<sup>264</sup> FERRO, 1997, p. 214.

<sup>265</sup> SISTER, 1997, p. 205.

<sup>266</sup> MIRANDA, 1997, p. 282.

<sup>267</sup> ROIG, 1997, p. 129.

<sup>268</sup> NOGUEIRA, 1997, p. 143.

<sup>269</sup> SIPAHI, R, 1997, p. 183.

<sup>270</sup> MAFRA, 1997, p. 321-322.

<sup>271</sup> DA COSTA, 1997, p. 311.

- "Eu me pergunto como seria a estrutura física do Tiradentes. A imagem fica embotada, difusa, meio cinza. Acho que, por fora e por dentro, o presídio era cinza! Nós, as mulheres, ficávamos numa torre."<sup>272</sup>
- "Morávamos em várias celas, cujas portas eram trancadas. Dentro da Torre circulávamos livremente. A gente se dividia conforme as afinidades, que podiam ser políticas (pertencer a mesma organização) ou apenas pessoais. (...) O fato é que o convívio forçado de um grupo de pessoas, dia após dia, colocava cada uma literalmente a nu diante das outras. Cada uma de nós conhecia os defeitos, as qualidades, as manias – quase tudo- da outra. (...) A possibilidade de preservar a intimidade era muito pequena. Também estávamos contaminadas por uma ideologia que cultuava o coletivo. Não se tinha um claro limite entre a esfera do coletivo e a do individual. (...) Não lembro muito bem, mas havia uma certa norma de convívio político entre as pessoas ligadas a diferentes organizações."<sup>273</sup>

O grupo transforma o espaço que ocupa, de forma que seu aspecto somente faz sentido ao grupo, e assim as relações sociais se consolidam. Se um acontecimento modifica o grupo ou o lugar, ele pode transformar as relações entre ambos.

- "No espaço mais escondido, fazíamos nossos trabalhos coletivos e nos reuníamos. (...) Também nesse espaço guardávamos documentos clandestinos e até ferramentas, como um serrote. (...) Um flagrante desse podia significar voltar ao DEOPS ou à Oban, caso nos pegassem com algum documento clandestino."<sup>274</sup>
- "Adaptei-me facilmente. Nas celas havia rádio, televisão, jornais, revistas, livros. (...) No Tiradentes tive a minha melhor capacitação política. Era uma escola maravilhosa."<sup>275</sup>
- "A composição das celas se dava a partir de muitas artimanhas junto à carceragem, que, pouco afeita a lidar com presos políticos, não conseguia perceber que as várias organizações e tendências políticas iam se dividindo e agrupando pelas sete celas do pavilhão."<sup>276</sup>
- "O espaço individual estava restrito ao beliche, o 'mocó', que cada um decorava com podia ou queria com fotografias, versos, recortes, etc."<sup>277</sup>
- "Desde a manhã – as visitas eram depois do almoço –, algumas celas se transformavam em verdadeiros camarins. (...) De repente os pátios viravam praças (...)."<sup>278</sup>
- "Nossa aproximação com a ala masculina do presídio ocorria nos dias de visita, aos sábados, mas somente as casadas cujos companheiros estão presos ali é que tinham

---

<sup>272</sup> KAIANO, 1997, p. 337.

<sup>273</sup> *Ibid.*, p. 338-339

<sup>274</sup> FREIRE; ALMADA; PONCE, *op. cit.* p. 41.

<sup>275</sup> PITOLLI, 1997, p. 114.

<sup>276</sup> ROIG, 1997, p. 128.

<sup>277</sup> RANGEL, 1997, p. 155-156.

<sup>278</sup> SIPAHI, R, 1997, p. 186.

o direito de passar para o outro pátio. A grande emoção era a abertura da porta para que pudessemos, de longe, fletar com nossos companheiros. Momentos de muita adrenalina..."<sup>279</sup>

- A biblioteca do pavilhão ficava no X-3, a cargo do Laurindo, tanto a legal como a clandestina."<sup>280</sup>
- "No período em que o presídio estava abarrotado, nela chegaram a ficar até vinte presos políticos com seus beliches transformados em 'mocós', seus bagulhos mais ou menos arrumados, e mais toda uma tralha que foi sendo juntada na tentativa de se criar um ambiente vagamente humano."<sup>281</sup>
- Todos os dias, depois de ajudar na preparação da comida e de fazer ginástica, embrenhava-me na floresta de panos. Imaginava estar organizando aquele labirinto. Na verdade, estava explorando, fazendo a arqueologia dos antigos ocupantes."<sup>282</sup>

Dentro do mesmo espaço, diversos grupos atuam e convivem. Percebemos que os presos políticos tiveram que modificar suas atividades cotidianas por estarem presos e, para a maioria, restava ler mais, estudar, aprender.

- "Alguns presos desfrutavam de um *status* diferenciado por causa de sua influência política e social, ou de sua utilidade no contexto do presídio (médicos e dentistas)."<sup>283</sup>
- "A chegada ao presídio significava, além do fim das torturas e de mais de um mês de tensão na Oban, no DEOPS e no quartel da PM, um mundo novo, cheio de novos conhecimentos e de oportunidades de aprender, e nós maravilhávamos com aquilo. Creio que passamos meses em coversas e buscas de informações até nos sentirmos efetivamente moradores daquele lugar. Passada a euforia, nos enquadrámos na rotina, assumimos os nossos lugares, mas não pudemos reclamar nunca de monotonia ou tédio."<sup>284</sup>
- "Minha maior vitória pessoal no período da ditadura talvez tenha sido ter saído da cadeia melhor do que entrei. Sob muitos aspectos e por conta de circunstâncias muito particulares – especialmente devido as pessoas que ali estavam –, a prisão acabaria por funcionar a favor. (...) Mas também posso ver hoje a distância, com muita evidência que uma parte importante da minha educação saiu dessa experiência de 19 meses (...). Todo esse período ajudou a formar uma base de conhecimentos, um padrão ético, um jeito de conviver com as pessoas, além de ter me dado mais disciplina para cuidar do corpo e, o que é fundamental pra mim, com

---

<sup>279</sup> LOBO, 1997, p. 224.

<sup>280</sup> MIRANDA, 1997, p. 286.

<sup>281</sup> TAPAJÓS, 1997, p. 343.

<sup>282</sup> *Ibid.*, p. 348.

<sup>283</sup> RANGEL, 1997, p. 159.

<sup>284</sup> *Ibid.*, *loc. cit.*

desdobramentos que chegam ainda mais vivos hoje em dia, retomar o trabalho de pintura."<sup>285</sup>

- "Nisso, a presença do Jacob Gorender foi essencial. Acho que ele foi nosso grande educador. (...) A companhia de Jacob Gorender foi um dos fatores-chave para a cadeia ficar mais leve e servir tanto para as nossas vidas."<sup>286</sup>
- "Ali estávamos nós, um grupo de moças das mais diversas origens sociais, a maioria estudantes de cursos universitários. Diante de condições tão adversas, começamos por nos estruturar, a nos organizar. Começamos por decidir em conjunto qual ou quais seriam as nossas atitudes diante das novas situações que se apresentavam. Nessa linha, uma das primeiras coisas foi a de conquistar a simpatia das presas comuns (...)."<sup>287</sup>

Mas dentro do mesmo espaço físico, também percebemos as inter-relações entre os presos políticos, os carcereiros e os presos comuns.

- "Carcereiros são homens rudes, mal remunerados, acostumados a violência e que manifestam todas as suas frustrações no exercício daquele 'poderzinho' que lhes é conferido, mas que, para os presos, é imenso."<sup>288</sup>
- "A boa convivência com os carcereiros era fundamental para garantir a nossa segurança e a troca interna de informações."<sup>289</sup>
- "A convivência com esses presos era um limitador das conversas e das discussões, mas raramente chegava a ser uma situação conflituosa; eles conviviam conosco, dividiam a nossa comida, participavam das tarefas do dia-a-dia, mas não participavam das discussões coletivas."<sup>290</sup> [Conviveu com presos comuns no início].

Mesmo que se olhe o espaço, não há como saber que lembranças ele evoca para os grupos que lá estiveram. Assim, quem olhasse o prédio do presídio por fora não saberia o que lá se passava com os indivíduos.

- "Atravesso o primeiro portão. Garganta apertada. Ao se fechar, ele me isola definitivamente daquele mundo."<sup>291</sup>

---

<sup>285</sup> SISTER, 1997, p. 205.

<sup>286</sup> *Ibid.*, p. 208.

<sup>287</sup> DOS SANTOS, 1997, p. 274-275.

<sup>288</sup> AZEVEDO, 1997, p. 85.

<sup>289</sup> RANGEL, 1997, p. 156.

<sup>290</sup> *Ibid.*, p. 155.

<sup>291</sup> *Ibid.*, p. 162.

- "Ficaram-me gravadas as imagens das lojas existentes no outro lado da avenida: a alfaiataria de roupas militares e a casa lotérica. Aqui, da cela, víamos a cidade que, infelizmente, não nos via."<sup>292</sup>
- "São inúmeras e riquíssimas as experiências pelas quais passamos na cadeia, mas algumas falam mais forte, como nossa ingenuidade em relação ao mundo das presas comuns. Éramos muito jovens, a maioria da classe média, não conhecíamos nada do mundo de onde vinham aquelas outras mulheres. Entre elas e nós havia uma linha demarcatoria de desigualdade social e cultural. Oficialmente, não podíamos ter contato com elas (...)."<sup>293</sup>
- "O presídio Tiradentes era uma casa de dor, lembranças, lágrimas, sofrimentos, de saudades dos que não mais se veriam e dos que não se sabia onde estavam. (...) Tentamos sobreviver da melhor forma possível. Buscamos fazer do Tiradentes um local de reflexão, de estudos. Nesse período, tivemos sempre presente a preocupação com outros companheiros que não foram presos e com a nossa própria situação, com os nossos processos. Buscávamos avidamente pensar politicamente a situação, como parte de uma luta mais geral, buscando dar as nossas próprias prisões uma dimensão de momento, algo como a chamada derrota tática."<sup>294</sup>
- "Foi um período em que a realidade do tempo ficou esmaecida ou provisoriamente suspensa. O presídio, o país, a violência repressiva, as mortes reais que estavam ocorrendo em torno de nós, tudo parecia distante, para lá da parede de panos. (...) Porque o cotidiano do presídio era uma fantasia construída por nós mesmos, por nossas histórias e desejos."<sup>295</sup>

Porém, como as memórias se apóiam no espaço, com a demolição do presídio, as lembranças tendem a desaparecer mais rapidamente, pois sem aquele espaço, as lembranças perdem o apoio material que as façam ser recordadas mais rapidamente.

- "Naquele dia, o presídio estava quase vazio. O pavilhão I já estava desativado, o restante do pavilhão II, sem mais ninguém. Restávamos eu e mais dois companheiros naquela enorme cela de um presídio vazio. Os outros tinham sido transferidos para o Carandiru e para o Hipódromo. Nunca chegamos a descobrir porque havíamos ficado para trás. (...) Os presos considerados (sabe-se lá por qual critério) mais perigosos haviam sido transferidos. (...) Durante todo o ano de 1972, o presídio foi sendo esvaziado. Naquele dia, já em 1973, só faltávamos nós três. Na verdade, já devíamos ter ido já semanas. Mas fomos sendo esquecidos – ou então alguém relutava em fechar de vez o Tiradentes e nós fomos ficando."<sup>296</sup>
- "Aquele cela imensa para nós três, continuava cheia, com os 'mocós' que não haviam sido desmontados, com os bagulhos que ficaram para trás (...) não nos preocupávamos mais em jogar fora nada, nem mesmo em arrumar

<sup>292</sup> SIPAHI, A, 1997, p. 233.

<sup>293</sup> OLIVEIRA, 1997, p. 295.

<sup>294</sup> TAVARES, J. Nas dobras do tempo. In: FREIRE; ALMADA; PONCE, 1997, p. 307.

<sup>295</sup> TAPAJÓS, 1997, p. 351.

<sup>296</sup> *Ibid.*, p. 343.

convenientemente aquela floresta de panos (...) Excesso de quase tudo (...) Além disso, muitos dos que iam para a rua queriam esquecer aqueles instrumentos que, por vezes, nos haviam transformado de militantes em *hippies* tardios."<sup>297</sup>

- "Chamou os nossos nomes e nos mandou arrumar os bagulhos, porque estávamos pegando o 'bondão' para o Hipódromo. (...) Não sei o que aconteceu aos panos daquele cenário (...). Fora da memória, eles devem ter sido queimados, jogados no lixo, eliminados junto com o entulho da construção demolida. Talvez, junto com tudo o que sobrou daquele tempo, tenham se amalgamado no concreto das estruturas subterrâneas que sustentam a cidade e o país emergidos da ditadura."<sup>298</sup>

## 2.5 Memória e memória escrita

Transcrever a memória a transforma, o que pode resultar em vantagens. Escrever está ligado à resistência ao tempo, quando a memória não tem mais tanto suporte do grupo, quando ela se decompõe e acaba, o único meio de preservá-la é fixá-las por escrito, pois eles permanecem enquanto os homens não.

- "Quando perdemos a liberdade de ir e vir, a liberdade interior se faz de imediato presente é através da consciência dos direitos subjetivos e objetivos, que se inscrevem no social e no político, que nos permitimos compreender nossa prática política. Nesse sentido, muitos fatos que ocorreram no presídio Tiradentes, no final dos anos 60 e início dos 70, merecem aqui ser registrados."<sup>299</sup>

Há uma necessidade de manter essa memória, como se as pessoas que viveram nessa época, tanto as que sabiam quanto as que não sabiam, pudessem reorganizar suas lembranças desse período. Portanto, escrever as memórias é uma forma de mantê-las vivas e resistir à manipulação.

- "Desenhei, então, todos os dias, como nunca havia feito antes. Era uma espécie de crônica para não esquecer o que se passava entre nós. (...) Antes de ser arte, queria ser um testemunho ilustrado, um documento."<sup>300</sup>
- "Resgatar para romper com o silêncio imposto as mulheres (...). Lembrar o passado deve ter o significado da recuperação da utopia. Permeada por um pouco de loucura e desvanecio, ingredientes que nos faltam para cosntruir estratégias mais coletivas de

<sup>297</sup> TAPAJÓS, 1997, p. 343-344.

<sup>298</sup> *Ibid.*, p. 353.

<sup>299</sup> LOBO, 1997, p. 219.

<sup>300</sup> SISTER, 1997, p. 210.



resistência, que transformem as relações sociais de praticas desterritorializadas e des-significadas em praticas territorializadas e significadas de subjetividades."<sup>301</sup>

E com a escrita, há uma exposição a diferentes memórias. As pessoas mais jovens, que não tiveram muito contato com a história desse período, têm a oportunidade de conhecer esse momento histórico através do livro **Tiradentes, um presídio da ditadura.**

Porém, pode existe consequencias negativas. Ainda que escritas, as memórias podem ser manipuladas. Por exemplo, o livro acima citado, que traz depoimentos de presos políticos, pode sofrer influência dos meios de comunicação, que escolhem o que querem ou não divulgar.

Não podemos ser ingênuos em pensar que o escrever não influencia na própria mudança que a memória sofre. O passado tal como foi vivido não pode ser jamais recuperado. Quando lemos as narrativas, verificamos verificar suas transformações através da escrita, além do posicionamento do autor no momento em que ele escreve, e não necessariamente como as lembranças ocorreram.

- "Prisões são lugares onde nada acontece. O principio é este: vigia-se, pune-se, impede-se o movimento. É compreensível o fato de as narrativas sobre a vida carceraria tenderem a reiteração e à monotonia. Nada, porém, que impeça um grande escritor de transformar a repetição em motivo de alta densidade dramática."<sup>302</sup>

E em relação à "solidificação" da memória, no caso do nosso objeto de estudo, é preferível que ela se solidifique a cair em esquecimento. Alguns depoimentos a respeito do próprio livro têm nesse sentido.

- "Hoje é 22 de março de 1997 e os editores Alípio e Granville têm o espaço curto. Não sei se o texto está comprido demais. Tenho outras lembranças, claro, e tento

---

<sup>301</sup> OLIVEIRA, 1997, p. 293.

<sup>302</sup> CITELLI, 1997, p. 194.

chegar o mais perto possível da realidade, embora o tempo às vezes nos maltrate. Mas este não é só um livro de memórias. É também um livro sobre os fatos. Sobre o que aconteceu com milhares de pessoas que ousaram pensar e sonhar um mundo mais bonito."<sup>303</sup>

- "Este nosso 'Recordações da Casa dos Mortos', versão paulistana da questão nacional do final dos anos 60 aos 70 e poucos, certamente relatará casos doloridos, e dolorosos, de angústia e desesperança. Mas mostrara também o valor da solidariedade (...)que é capaz de integrar 16 sujeitos, populações fixa e flutuante, a um tipo de fraternidade original na qual os dramas pessoais são, ao mesmo tempo, maiores e menores que os do conjunto."<sup>304</sup>
- "Quando fui procurada para escrever sobre a minha vivência do Presídio Político Tiradentes, na cidade de São Paulo, durante todo o período em que ali estive presa (mais precisamente três anos e três meses) confesso que a ideia me incomodou. Me incomodou por muitas razões, mas me parece que a principal foi o ato de escrever. Falar das nossas experiências é mais fácil. Existe sempre a possibilidade de tirar uma dúvida quando ela surge; há a possibilidade do esclarecimento rápido, do estabelecimento do diálogo. No entanto, escrever é sempre mais difícil, pois não sendo escritora, não sabendo a arte de lidar com as palavras, corro o risco de não transmitir exatamente os meus sentimentos, as minhas impressões."<sup>305</sup>
- "Quando ia mudar de casa, resolvi desfazer-me daquela papelada. Comecei a ler aqueles bilhetes e cartas e, ao terminar, percebi que não poderia simplesmente jogá-los fora: eles me traziam de volta uma mãe batalhadora, cuja lembrança sua doença degenerativa fora apagando em mim, até que a morte a levou. Eles me traziam de volta medos, apreensões, e a alegria que, apesar de tudo, conseguimos extrair (eu e tantas outras pessoas) de cada dia entre quatro paredes."<sup>306</sup> [Sobre a troca de cartas e bilhetes entre ela, família e amigos enquanto estava presa].

---

<sup>303</sup> RANGEL, 1997, p. 150.

<sup>304</sup> ALESSI FILHO, 1997, p. 164.

<sup>305</sup> DOS SANTOS, 1997, p. 274.

<sup>306</sup> MAFRA, 1997, p 321.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: "É PRECISO NÃO ESQUECER"

A memória, oral ou escrita, de grupos ou indivíduos que viveram em uma certa época nos mostra como eles perceberam os acontecimentos e qual era seu ponto de vista. Podemos observar que a sobrevivência do grupo possibilita a sobrevivência da memória, mas os indivíduos só se lembrarão se eles ainda se sentirem de algum modo ligados e pertencentes ao grupo. A partir disso, retomaremos as importantes questões que BURKE<sup>307</sup> levanta:

1. Quem quer que quem lembre o quê e por quê? De quem é a versão registrada ou preservada? [Questionamento que levantamos ao considerarmos que a história é esquemática, compila os fatos que ocuparam maior espaço na memória dos homens, sendo esses acontecimentos escolhidos, aproximados e classificados conforme as necessidades].
2. Quem quer que quem esqueça o quê e por quê?
3. Outra maneira de abordar os usos da memória social é perguntar por que algumas culturas parecem mais preocupadas que outras em lembrar seu passado.

Utilizando os conceitos trabalhados, podemos tentar respondê-las. Para a primeira pergunta, precisamos recuperar a importância do grupo. Considerando que um grupo "venceu" os outros, ou seja, tomou o poder ou está por trás dele, ele tentará fazer com que prevaleça a sua "versão" da história; pensamento lógico, já que o grupo quer justificar, validar e promover sua ascensão. A preservação de sua versão também seria uma forma de controle, logo, de maneira geral, a população tende a aceitar o que é validado pela maioria e, se aceita, se torna mais fácil de ser "governada."

---

<sup>307</sup> BURKE, 2000, p. 84.

A segunda pergunta ficaria respondida da mesma forma; independente de quem ascendeu ao poder, serão eles os maiores interessados em manter uma determinada versão e, conseqüentemente, "esquecer" outra. Nesse sentido, pode-se analisar qualquer civilização que foi dominada, o dominador quer validar o poder em suas mãos.

Quanto à última questão, só podemos especular. Primeiro, porque certas civilizações tendem a valorizar mais ou menos o passado do mesmo modo que valorizam mais ou menos a cultura em geral. Um exemplo interessante é que o Império Romano tendia a se apropriar de elementos das culturas que dominava enquanto os povos bárbaros tenderam a destruir tudo o que restou do império. Segundo, talvez porque a tomada do poder e a forma com que se domina ou governa são tão brutais que não é interesse que se saiba bem como aconteceu, ou talvez seja melhor forjá-la para poder justificar alguma atrocidade cometida.

De qualquer forma, independente dos fatos e indícios históricos, temos que nos livrar de preconceitos para pensar a memória. O historiador definirá que grupo irá estudar e quais indícios utilizará, mas não caberá a ele o julgamento de valor e a decisão de qual grupo tem ou teve mais direito ou não ao poder. Se for de seu interesse estudar o grupo vencido, ele terá que ir atrás de documentos que não são de interesse do grupo que está no poder e, naturalmente, serão documentos mais difíceis de serem encontrados.

Talvez a grande lição seria entender que independente da filiação, por um maior entendimento da história, é de interesse do historiador que os documentos não sejam destruídos pelos vencedores. Talvez seja o seu papel seja o preservar, porque não parece ser de interesse do grupo que detêm o poder.

O mais importante é lembrar que a versão registrada não é única. No caso do nosso trabalho, a importância de lembrar é porque com o golpe se iniciou uma fase de

profunda repressão, perseguição, tortura e morte. Nesse caso, o que está em jogo não é o debate de versões, mas lembrar que a versão oficial tende a esconder a repressão política e cultural, os crimes que cometeu contra a população e os homicídios cometidos com o aval do próprio governo. É preciso lembrar, não para justificar qual grupo estava certo ou errado, mas para observarmos até que ponto um grupo foi capaz de chegar e esconder os crimes que cometeu contra a oposição.

Assim, com um maior número de memórias de um mesmo período é que podemos chegar o mais perto possível de um acontecimento, mesmo que a história oficial tenda a resumir e compilar fatos. Da mesma forma que quando olhamos para o presente, nos atentamos aos jogos de interesse, toda a diversidade cultural, o passado mais interessante é o passado plural. Porque se estudarmos somente o grupo dos vencidos estamos também diminuindo a visão do passado e não a ampliando. LE GOFF (2003) mesmo comenta

*Cabe, com efeito, aos profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos, fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetivação científica. [...] A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens<sup>308</sup>.*

Como última reflexão, considera-se que o Brasil é um país "sem memória" ou de "memória curta" por esquecer rapidamente das discriminações, das violências e dos crimes que sofreu e por excluir de sua memória oficial as manifestações das memórias dos excluídos,<sup>309</sup> como a dos presos políticos. Talvez, além disso, seja um país de "memórias confusas", pelo fato de certas pessoas confundirem o "milagre econômico", quando a economia deu uma guinada durante o governo militar nas décadas de 60 e 70,

---

<sup>308</sup> LE GOFF, 2003, p. 471.

<sup>309</sup> SEIXAS, 2004, p. 37.

com um país melhor. Não é raro ouvir que o país deveria ser governado por militares novamente.

Por outro lado, a memória e a identidade estão em constante construção e transformação. Este trabalho promove um resgate às lembranças excluídas, e faz questão de mencionar que o "milagre econômico" se deu também devido à repressão, além do fato de que muito durante aquele período foi forjado, censurado e manipulado.

E concordamos com o comentário de SEIXAS, "o excesso de conhecimentos históricos tem provocado uma grave e perigosa ilusão, a de justiça."<sup>310</sup> Temos que observar que a lembrança só significará justiça se significar algum tipo de reparação, movimento ou até nos alertar para situações que podem trazer semelhantes consequências (nesse sentido, negativas). Por isso, nos lembramos e apoiamos os esforços em tentar se estabelecer indenização ou pensão às vítimas e família de vítimas de perseguição pela ditadura militar, e também a luta para que a Lei de Anistia não impeça que militares sejam punidas pelo crime de tortura.

Aqui, nos lembramos dos primeiros contatos com a disciplina de história, ainda no ensino médio; da pergunta feita a nós, alunos, à respeito do porquê de se estudar história. Ingenuamente, respondemos "para não repetirmos os erros do passado." Acreditamos que esta não seja "a função" da história, mas acreditamos que o conhecimento pode dar o início a uma tentativa de reparação dos erros e até uma mudança necessária para que eles não voltem a ocorrer.

Que tenhamos dado voz aos ex-presos políticos da ditadura militar brasileira do século XX.

---

<sup>310</sup> SEIXAS, 2000, p. 87.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOCH, M. L. B. **Apologia da história: ou o ofício de historiador**. Prefácio de Jacques Le Goff. Apresentação à edição brasileira: Lilia Moritz Schwarcz. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: J. Jahar Ed., 2001, 259 p.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, 484 p.
- BOSI, E. A substância social da memória. *In*: \_\_\_\_\_ **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, cap. 1, p. 13-48.
- BRASIL: nunca mais. Prefácio de Dom Paulo Evaristo Arns. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 1985, 312 p.
- BURKE, P. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Ed. Unesp, 1992, 354 p.
- BURKE, P. História como memória social. *In*: \_\_\_\_\_ **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 69-89.
- COGGIOLA, O. Os regimes militares sul-americanos na década de 1960; O novo espaço do poder militar nas décadas de 1970 e 1980. *In*: \_\_\_\_\_ **Governos militares na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2001, p. 11-35. (Repensando a história do Brasil).
- FAUSTO, B. **História do Brasil**. 11. ed. São Paulo: Edusp, 2003, 660 p. (Didática, 1).
- FERRO, M. **A História vigiada**. Tradução: Doris Sanchez Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 1989, 143 p. (Coleção O homem e a natureza).
- FON, A. C. **Tortura: a história da repressão política no Brasil**. São Paulo: Global, 1979, 79 p.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, 236 p.
- FREIRE, A.; ALMADA, I.; PONCE, J. A. de G. (Org.). **Tiradentes, um presídio da ditadura: memórias de presos políticos**. São Paulo: Scipione, 1997, 519 p.
- GALVÃO, W. As falas, os silêncios (literatura e imediações: 1964-1988). *In*: SCHWARTZ, J.; SOSNOWSKI, S. **Brasil: o trânsito da memória**. São Paulo: Edusp, 1994, cap. 13, p. 185-195.
- GORENDER, J. **Combate nas trevas – a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987, 286 p.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução: Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004, 197 p.
- IZQUIERDO, I. **A arte de esquecer: cérebro, memória e esquecimento**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004, 114 p.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana F. Borges. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, 541 p.
- LE GOFF, J. Prefácio. *In*: BLOCH, M. L. B. **Apologia da história: ou o ofício de historiador**. Apresentação à edição brasileira: Lilia Moritz Schwarcz. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: J. Jahar Ed., 2001, p. 15-34.

